

Projeto Comunicação Capixaba

Livro I

Notas sobre a digitalização desse volume:

Esse livro foi digitalizado para facilitar a consulta e o acesso ao texto da obra à um número maior de pessoas. O conteúdo é idêntico ao da versão impressa. Pode ser distribuído livremente, desde que se mantenham os direitos dos autores. Visite a página do projeto para adquirir outras obras.

Marcus Vinicius (okidoki@pop.com.br)

www.comunicacaocapixaba.cjb.net



Rádio Club do Espírito Santo

Memórias da Voz de Canaã



Vai ser hoje oficialmente inaugurada a Rádio Clube do Espírito Santo, "a voz de Canaã". O grande empreendimento de que nós capixabas nos devemos orgulhar. Precedeu a cerimônia de hoje bem cuidada experiência muitos dias. Hoje a nossa rádio está em condições de satisfazer seus fins. Irradiação perfeita, firme, mesmo sob as mais intensas influências atmosféricas. A voz de Canaã levará por muito longe o nome do Espírito Santo, divulgando através das ondas de Hertz o quanto possuímos de grandeza material, de potencial e de elevada medida de cultura. Nossos poetas, trovadores, músicos, folcloristas, intelectuais e cantores irão nos proporcionar horas de arte, mostrando que o Espírito Santo nesse novo governo de divulgação nada fica a dever aos demais estados.

(Notícia veiculada no jornal A Gazeta, em 14 de janeiro de 1940)

A edição inaugural do Projeto Comunicação Capixaba - CoCa, de registro da memória da Imprensa do Estado do Espírito Santo, recupera a história e as histórias da primeira emissora de rádio espírito-santense, da sua origem, em 1933, até o golpe militar de 64. O projeto é executado pelos alunos da disciplina Técnicas de Administração e Mercadologia em Jornalismo, do sexto período de Comunicação Social da Ufes, A próxima edição tratará exatamente dos 30 anos do curso, a serem completados em 2005. A segunda parte da trajetória da Rádio Espírito Santo será contada no terceiro volume.

Rádio Club do Espírito Santo

Memórias da Voz de Canaã

José Antônio Martinuzzo (Organizador)

Almir Alves - Amanda Negreiros - Ana Paula Fassarella - Camila Torres
Camilo Hemerly - Cláudia Lopes - Elaine Vieira - Felipe Rébuli Procópio
Flávia Monteiro - Fran Bernardes - Geraldo Ramos - Helena Santos - Hellen
Kaniski - Jorge Stein - Julia Fregona - Ligia Maria Fiorio - Luciano Coelho
Marcelle Altoé - Marialina Antolini - Roberta Nunes - Roger Santana - Rosana
Figueiredo - Samantha Lievore - Suen de Andrade - Tiago Zanoli

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Departamento de Comunicação Social

Projeto Comunicação Capixaba – CoCa

Editor e organizador - Professor José Antônio Martinuzzo

Capa e produção gráfica - Roberta Nunes e keka (quase@grupos.com.br)

Revisão Técnica - Danilo Souza (Rádio Espírito Santo)

Revisão - José Antônio Martinuzzo, Helena Santos e Marialina Antolini.

Fotos - Arquivos pessoais dos entrevistados e Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

Impressão - Imprensa Oficial do Estado do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

Rádio Club do Espírito Santo: Memórias da Voz de Canaã / organizado por R129 José Antônio Martinuzzo ; colaboradores Almir Alves ... [et ai.]. — Vitória Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2004.

96 p.: il. , p&b ; 22,5cm.

1. Rádio Espírito Santo - História - 1933-1964. 2. Radiodifusão. I. Título II. Organizador. III. Colaboradores.

CDU: 654.195 (815.2) CDD: 384.5098152

Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo

Foto capa: O "transmissor-volante", veículo usado pela equipe de reportagem, na cobertura de rua, da Rádio Espírito Santo, na década de 50.

Sumário

Prefácio.	06
Apresentação.....	08
Introdução.....	10
A voz se fez, e não mais se calou.....	14
Paixão pela voz	32
Vozes que mobilizaram uma época.....	44
Astros e Estrelas da PRI - 9.....	61
Radionovelas: histórias que deixaram saudade.....	71
E, agora, as informações da nossa equipe de jornalismo.....	84
Rádio Esporte Clube Espírito Santo, PRI.....	92
Histórias que a Rádio não contou.....	99
Nossas fontes.....	113

Prefácio

Patrimônio capixaba

Surgida na longínqua década de 40, quando ainda era a PRI-9, a Voz de Canaã, a Rádio Espírito Santo tornou-se um patrimônio dos capixabas. As vozes de seus locutores, as notícias de seus jornalistas, as emoções difundidas em suas ondas ajudaram a compor o século XX de gerações inteiras em nosso Estado.

Mas a Rádio não apenas influenciou; também foi alcançada pelas marcas de nossa realidade. Nos últimos anos, a emissora não foi exceção ao processo de desmonte da máquina pública. Mantiveram a Rádio no ar a fidelidade de seus ouvintes, o seu legado cultural e, essencialmente, a paixão e a garra de seus funcionários, locutores e jornalistas.

Pelo patrimônio que é e por seu potencial estratégico ao desenvolvimento sociocultural capixaba, a Rádio Espírito Santo é uma das nossas prioridades. Dentro de todas as limitações impostas por anos de desgoverno e pela herança pesada que nos legaram, nosso objetivo é dar condições de pleno funcionamento à emissora. Já estamos trabalhando nesta direção.

A edição deste livro, resultado de parceria entre o Governo do Estado, via Superintendência de Comunicação e Diário Oficial, e a Universidade Federal do Espírito Santo, por intermédio do curso de Comunicação Social, realiza-se exatamente nesse sentido. É um investimento na memória da emissora, com a intenção de fortalecê-la, de estabelecer a sua importância histórica para os capixabas, principalmente os mais novos.

No momento em que o Espírito Santo enfrenta o desafio histórico de reconstrução de suas instituições e de retomada do desenvolvimento socioeconômico sustentável e benéfico a todos - processo que nos coloca

frente a frente com a vergonha político-administrativa de anos recentes - é fundamental a memória de nossos melhores feitos, dentre eles a Rádio Espírito Santo, um exemplo histórico de sucesso capixaba.

Paulo Hartung Governador do Estado do Espírito Santo

Apresentação

História e aprendizagem

Na condição de reitor, ao dar posse ao professor José Antônio Martinuzzo, disse-lhe da nossa satisfação em tê-lo como integrante do corpo docente da Universidade Federal do Espírito Santo. Essa manifestação de minha parte não foi tão-somente uma gentileza, posto que já conhecia o talento que sempre marcou a trajetória profissional de Martinuzzo, no exercício da atividade jornalística. Mas, admito, sinceramente, que não esperava ver resultados positivos se materializarem tão imediatamente, em espaço de poucos meses.

Por isso, fui tomado de uma agradável surpresa, ao ser convidado para fazer a abertura da presente obra, resultado de um esforço seu, de uma criativa pauta sua, e da dedicação de seus alunos. Temos, então, a certeza de que as qualidades reveladas como jornalista, Martinuzzo traz para o exercício da docência. O seu exemplo me faz reafirmar a convicção de que é possível desenvolver elevada produção acadêmica, mesmo diante das contingências, de caráter estrutural, que afetam fortemente a universidade pública brasileira.

O projeto do livro mostra-se criativo e belo, na medida em que conseguiu instigar os alunos a participarem dele com tamanho entusiasmo. Martinuzzo, certamente, conseguiu injetar uma saudável e necessária inquietação em seus alunos, que resgatam parte da história da tradicional Rádio Espírito Santo, com o recurso de técnicas jornalísticas. Não me resta dúvida sobre o imenso aprendizado que representou para os alunos a construção desse livro.

A obra realiza, ainda, um necessário resgate histórico da Rádio Espírito Santo, no período pré-ditadura militar. Por meio de depoimentos emocionados ou até mesmo divertidos, o livro oferece ao público parte do passado da

emissora oficial do Estado do Espírito Santo. Uma história importante e até então não-registrada. Sabemos que se trata de uma rádio que atravessou décadas, governos, regimes, crises econômicas e institucionais, sempre oferecendo informação, música e serviço, sem se afastar de seu perfil predominantemente voltado para as classes populares. Assim, tornou-se a rádio do povo capixaba; ou, "a companheira de todas as horas", como avisa o seu singelo slogan.

O professor José Antônio Martinuzzo está de parabéns pela construção de um projeto representativo do ponto de vista editorial e acadêmico. Como reitor da Ufes, quero aqui agradecer ao governador do Estado, Paulo Hartung, pela sensibilidade em oferecer o apoio indispensável ao projeto. Ao Martinuzzo, quero dizer que me sinto orgulhoso com sua iniciativa e o resultado final alcançado. E mais entusiasmado ainda em saber que novos projetos para a sala de aula já estão sendo estudados pelo nosso jovem professor. Por fim, acredito que o trabalho dos alunos, seja na pesquisa, edição e produção de entrevistas e textos, certamente permitiu mais consistência à formação acadêmica dos nossos futuros profissionais de comunicação. E ao público, ao qual me incluo, resta uma deliciosa leitura.

Rubens Sérgio Rasseli Reitor da Ufes

Introdução

Para contar história e construir memória

O livro que você tem em mãos é um esforço de reportagem, como se diz nas redações. É a primeira experiência do Projeto Comunicação Capixaba - CoCa, de recuperação da memória da Imprensa no Estado do Espírito Santo. É um trabalho profissional de quem ainda é aluno. É obra da conjunção de esforços que ultrapassam os limites do campus universitário. Foi, literalmente, um desafio. E com final feliz, como se poderá comprovar nas páginas que se seguem.

Recém-empossado como professor do Departamento de Comunicação da Ufes, fui-me destinada a disciplina Técnicas de Administração e Mercadologia em Jornalismo, cujo objetivo é preparar os alunos para enfrentar o mercado de trabalho. Saído exatamente do mercado, trazia comigo a consciência de uma de suas maiores demandas: a produção de publicações institucionais. Por que não ensinar os alunos a fazer livros, da idéia inicial à edição final?

Mas sobre o que escrever? A comunicação capixaba padece de falta de memória. Muito do que se construiu no século XX está se perdendo por inexistência de registros e pelo desaparecimento das fontes que guardam nos corações e mentes o passado que viveram. Numa conversa com a jornalista, cineasta e ex-professora da Ufes Glecy Coutinho, ela alertava-me sobre a necessidade de se registrar essa memória, especialmente a da primeira emissora de rádio do Estado, fundada oficialmente em 1940 e tocada pelos pioneiros da comunicação capixaba.

Também em conversa com a chefe do Departamento de Comunicação Social, Ruth Reis, que pesquisa a história da Imprensa capixaba, ficou claro a

pertinência de se ajuntar os dois propósitos: a profissionalização dos alunos e a construção da memória da comunicação espírito-santense. Só faltava o sim dos escritores, os alunos. E o sim foi eloqüente, respondido em uníssono pelos corajosos e competentes estudantes de jornalismo.

Mas não bastam boas idéias e disposição para fazer - um projeto não se realiza sem recursos. Ao governador Paulo Hartung e ao superintendente de Comunicação do Governo do Estado do Espírito Santo, Tião Barbosa, não faltou sensibilidade para a importância da iniciativa - a Imprensa Oficial se responsabilizou pela impressão do livro, que será distribuído gratuitamente a escolas, bibliotecas públicas, núcleos de pesquisa e veículos de comunicação.

Com a pauta, a disposição e os recursos estabelecidos, teríamos menos de quatro meses para pensar a publicação, fazer entrevistas - como praticamente não há registros, quase tudo o que se lera adiante resulta de entrevistas com personagens da vida real da comunicação capixaba da primeira metade do século XX - redigir, revisar, editar, imprimir e lançar. Fizemos tudo isso em exatos três meses, dentro de um mesmo período letivo.

Para viabilizar o projeto, decidimos, neste livro, contar a história da Rádio Espírito Santo desde os seus primórdios, em 1933, até 1964, ano do golpe militar que impôs novas regras à comunicação no País, com seu arcabouço de censura e repressão. A trajetória da emissora dos anos 60 aos dias de hoje virá na terceira edição do Projeto CoCa, que no próximo semestre será dedicado aos 30 anos do curso de Comunicação Social da Ufes (1975-2005) - escritores-estudantes, o convite já está feito, pois a busca pela memória da comunicação capixaba continua!

Durante as aulas, metade do tempo era dedicado à discussão da comunicação, do capitalismo e do mercado de trabalho contemporâneos. No segundo tempo, dedicávamo-nos ao planejamento e à execução livro. Os alunos foram agrupados em trios, que assinam os capítulos elaborados

segundo pauta decidida coletivamente, mas com plena autonomia discursiva. Era a aventura de, ainda na Universidade, se produzir material jornalístico com as pressões do mercado - fontes a encontrar, entrevistas a fazer e texto a elaborar, em tempo curto e com profissionalismo.

O resultado desse laboratório de jornalismo, com o seu peculiar aprendizado de vida, está assim distribuído: no primeiro capítulo, apresentamos o contexto sociopolítico capixaba e nacional, o aparecimento do rádio e o desenvolvimento político-administrativo da emissora. Em seguida, são narradas as características da programação no período estudado. Os locutores e os ouvintes são o tema do terceiro capítulo. Na quarta parte, entram no ar os cantores e cantoras do rádio. Logo após, o tema são as radionovelas. O jornalismo é a pauta do sexto capítulo. O esporte entra em campo na sétima parte. Por fim, estão reunidas histórias e/ou estórias que mostram um pouco da vivacidade de anos tão marcantes para o Estado do Espírito Santo e a emissora que se tornou símbolo de rádio por várias décadas.

Os agradecimentos são muitos, mas cada um especial. A Glecy Coutinho, pela defesa altruística da memória da Imprensa capixaba, especialmente da Rádio Espírito Santo. A Danilo Souza, funcionário da Rádio, que nos orientou na busca pelas fontes e fez uma revisão técnica do texto. Ao governador Paulo Hartung e ao secretário estadual de Comunicação, Tião Barbosa, que viabilizaram a publicação do livro. A Ruth Reis, incansável chefe do Departamento de Comunicação Social da Ufes, pelo apoio incondicional à iniciativa. Aos alunos da disciplina Técnicas de Administração e Mercadologia em Jornalismo, oferecida no sexto período do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Ufes, que tiveram disposição e coragem para encarar o projeto de fazer um livro em situação tão desafiante. E, é claro, aos nossos entrevistados, que fizeram a história e, muito gentilmente, nos receberam para contá-la e registrá-la.

E aqui, para finalizar, cabe uma abordagem acerca da importância da memória. O passado pode ser observado e narrado de diferenciadas formas. Um fato concreto pode suscitar, pois, diversas memórias. Depende de como foi registrado no tempo próximo de seu acontecimento e, principalmente, do tempo de quem o relembra, de quem o relê e o reconta. Memória não é passado, é leitura presente do que passou com vistas a um futuro desejado.

E por que a memória é importante? Importa pelo fato de ela ser a principal referência para a constituição de nossa identidade. Entendendo-se identidade como o autoconhecimento e a diferenciação em relação ao outro, a memória é o que nos dá elementos para nos conhecermos e demarcarmos nossas peculiaridades no mundo.

A comunicação capixaba, como de resto o Estado do Espírito Santo, carece de memória. Sem sabermos o que fomos, sem conhecermos nossa caminhada, falta-nos algo essencial na construção de um futuro melhor e com maior autonomia social, cultural, política e econômica: falta-nos uma identidade concreta e objetiva. E identidade é memória em ato.

O passado sempre teve um futuro. E o futuro não prescinde do passado. Somos aquilo que lembramos, mas também o que esquecemos. Memória é consciência e inconsciência; similaridade e diferença; lembrança e esquecimento; busca, invenção e reinvenção; crença. E como exercício, memória não é algo que se completa ou termina; permanece. Como a vida, e sendo elemento primordial da Humanidade, é algo sempre incompleto. Obra coletiva, é projeto que se faz e refaz ao longo das existências. E pegada e caminho; sonho e horizonte.

José Antônio Martinuzzo Professor
Organizador e editor do Projeto CoCa

A voz se fez, e não mais se calou

Amanda Negreiros - Ana Paula Fassarella

Felipe Rébulo Procópio – Hellen Kaniski

"Naquele tempo, não tinha diversão nenhuma em Vitória. Só havia cinema, cinema e cinema... e rodar na praça Costa Pereira; os homens em um sentido e as mulheres no outro."

Délio Grijó

Com a instalação, em 1923, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro - de caráter eminentemente educativo -, o rádio foi introduzido no Brasil. A regularização da atividade radiofônica, no entanto, somente foi realizada no País em 1931, quando o Estado liberou sua exploração comercial. A partir daí, o meio rádio sofreu mudanças decisivas que traçaram seu perfil ao longo das décadas. Além de um novo campo para a aplicação do capital, passou a ser utilizado como "instrumento capaz de atingir camadas da população, independentemente de sua alfabetização" (Caparelli, 1986).

Presente em vários aspectos do cotidiano, o rádio ocupava cada dia mais espaço no lazer das pessoas. A maioria dos ouvintes, porém, era passiva. Ou seja, ouvia o rádio em casa, sem nenhuma participação direta. Isso se dava a despeito do fato de que nas primeiras décadas do rádio fosse possível a presença de ouvintes em programas gerados em auditórios.

Desse modo, o lazer teve diminuído o seu caráter interativo, adaptando-se às formas massivas e mais acessíveis oferecidas pelo rádio: o passear nas praças foi substituído por ouvir rádio. Famílias se reuniam na sala de estar para escutar os programas. Aqueles que não possuíam um aparelho procuravam a casa de algum vizinho que lhes permitisse entrar e compartilhar

a diversão.

A programação trazia entretenimento, novidades tecnológicas, cultura local, mudanças políticas e informações variadas. O rádio contribuiu para a formação de hábitos sociais, práticas culturais e de consumo, consolidando-se como principal meio de comunicação de massa no Brasil, entre 1920 e 1960.

Quando a Rádio Club do Espírito Santo surgiu, os meios de comunicação locais eram precários. Até então, a população recebia informações através de emissoras sediadas em outros Estados, como a Rádio Nacional - do Governo Federal - e a Rádio Tupi, ou de veículos impressos. A maioria tinha pouco conhecimento dos fatos locais, o que foi modificado com a Rádio, que também tornou-se um elo entre a população que não sabia ler e os letrados, "irmanando" diferentes extratos sociais.

Ouvinte do veículo desde sua fundação, Licério Duarte Júnior mais tarde viria a ser diretor superintendente da emissora. Lembrando daquele período, ele conta: "Quando a Rádio chegou a Vitória, as pessoas ficaram eufóricas, porque iriam ter a sua rádio. Poderiam participar de uma maneira que não conseguiam nas emissoras nacionais".

Antônio Becacicci morava no Rio de Janeiro, onde estava vivendo a emoção provocada pelo rádio. Como a família dele vinha insistindo em seu retorno ao Espírito Santo, Becacicci impôs uma condição: voltaria se seu pai montasse uma rádio para ele.

Em 03 de setembro de 1933 a "voz se fez": Antônio Becacici, Augusto Figueiroa, Afrodísio Coelho, Eduardo Andrade Silva, Balbino Quintaes Júnior, Guilherme Abaurre, Olinto Ribeiro Coelho, Manoel Luiz Mazzi, Erildo Martins, entre outros, fundaram a primeira "estação transmissora de rádio-telefonia" em Vitória, a Rádio Club do Espírito Santo, com sede no segundo andar do mercado da Capixaba, na Rua Araribóia, 48, Centro da Cidade. Mas o rádio não era a única novidade, tendo se somado a outros

fatores de desenvolvimento capixaba, conforme estudado por Zorzal (1995), que oferece a maioria da reflexão pertinente a esse tema reportada no presente capítulo.

A República Velha - com sua política de construção de infra-estrutura básica — havia terminado há pouco, em 1930, ano da revolução que deu o Governo brasileiro a Getúlio Vargas. A capital ganhou linhas de bondes, **luz** elétrica, água encanada, esgotos, primeira agência do Banco do Brasil etc. Para facilitar o escoamento da produção cafeeira foram construídas pontes e estradas no interior.

No período Vargas, João Punaro Bley foi nomeado interventor federal no Estado. Tendo sido governador também no período constitucional (1934 - 1937), Bley governou o Espírito Santo de 1930 a 1943. Sua política econômica era voltada para a agricultura, tendo fundado o Banco de Crédito Agrícola (que mais tarde se tornou o Banestes) com a finalidade de atender ao produtor rural.

Bley criou ainda infra-estrutura hospitalar, até então inexistente. No âmbito do ensino superior, foram fundadas as faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia. Sendo assim, apesar de incentivar a política econômica agrícola, acabou também por contribuir para a melhoria das condições de vida na capital.

Entre 1939 e 1945 o mundo lutou na Segunda Guerra Mundial. Para abastecer com ferro o mercado bélico aliado, foi criada a Companhia Vale do Rio Doce. No Espírito Santo, o porto de Vitória recebeu investimentos para garantir a exportação de minério. Nesse momento, o País passava por uma nova fase no processo de transformação capitalista, e a industrialização chegava ao Estado.

Sob o Estado Novo de Vargas, após alguma relutância, o Brasil entrou na guerra, no time dos Aliados. Somando-se ao nacionalismo peculiar do

populismo varguista, o sentimento anti-eixo só fez recrudescer a perseguição aos imigrantes italianos e alemães em terras capixabas. Dentre os meios de doutrinação político-ideológica, estava o rádio, cuja disseminação foi promovida e disciplinarmente controlada.

Segundo Eleisson de Almeida, a Rádio Club do Espírito Santo recebia as notícias da Segunda Guerra por intermédio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) - órgão oficial de comunicação e censura do Governo federal. Marien Calixte acrescenta que o noticiário da guerra era enviado ao Brasil pelo Serviço de Informação Americano, através da Embaixada Norte-Americana no Rio de Janeiro, e pelos europeus, por agências privadas de notícias, como a Reuters.

Funcionando inicialmente em caráter experimental, somente algumas horas por dia, a Rádio Club do Espírito Santo era mantida por intermédio de contribuições em dinheiro e da assistência profissional prestada por seus associados. Para a realização das primeiras transmissões, seus idealizadores custearam equipamentos de preços bastante elevados, vindos do Rio de Janeiro, de São Paulo e principalmente do exterior.

Segundo Renato Pacheco (1951), em 01 de fevereiro de 1939, constituiu-se uma sociedade anônima para a viabilização da Rádio Club do Espírito Santo, com o objetivo de "fazer-se ouvir, pelo menos, em todo o Estado do Espírito Santo". No dia 10 de julho do mesmo ano, a Rádio Club do Espírito Santo S.A. conseguiu a concessão do Governo federal para explorar o serviço através do Decreto 4.366. Tendo começado, oficialmente, suas transmissões no dia 14 de janeiro de 1940, com um transmissor Byington de 1kW, instalado no "arrabalde Bomba", em Vitória, a emissora está entre as dez mais antigas do Brasil. Seu prefixo era PRI-9 e o *slogan*, "A Voz de Canaã".

Com relação ao *slogan*, Marien Calixte conta que geralmente as pessoas pensam ser uma homenagem aos descendentes de italianos do Vale do Canaã,

em Santa Teresa. Mas, acredita ser outro o motivo: "É mais uma referência pelo prestígio do livro *Canaã*, de Graça Aranha. Se fosse *A Voz do Canaã*' seria '*A Voz do Vale*' - e inicialmente era o que as pessoas queriam. Mas era '*A Voz de Canaã*', para fazer uma homenagem ao livro que se tornou peça importante na história da literatura brasileira". Renato Pacheco salienta que o batismo foi inspiração de Alonso Fernandes de Oliveira, um dos sócios fundadores da emissora.

De acordo com Pacheco, "em 1941, pelo decreto-lei 12.666 de 28 de abril, criou-se o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, como imperativo do Estado-Novo, tendo incorporado, no artigo 3º, o patrimônio da Rádio Espírito Santo ao recém-criado departamento".

Em 21 de julho de 1941, o Governo estadual comprou todas as ações da sociedade anônima que mantinha a emissora, criando-se uma situação peculiar: o Estado regulava a sua participação no negócio, mas estabelecia-se uma irregularidade, pois a concessão não lhe era destinada, mas à S.A. que havia sido extinta com a celebração da venda. A concessão para o Estado só veio em 1949 - confira anexo no fim do capítulo -, sendo que no ano seguinte saiu a liberação para a ampliação da potência para 10kW.

Como já foi indicado, a PRI-9 funcionava sob os parâmetros da comunicação oficial e orientada pela política de guerra dos Aliados. Mas a influência dos Estados Unidos não era apenas bélica, já alcançava a cultura, como se pode perceber no nome "Rádio Club do Espírito Santo - A Voz de Chanaan", indicado na foto tirada de sua sede em 1939, quando estava preste a ser inaugurada oficialmente.

Devido às dificuldades de comunicação a distância, já que o telefone era movido a magneto e as ligações só eram realizadas por telefonistas da central telefônica, as cartas tornaram-se o principal meio de contato entre ouvinte e Rádio. Através delas os capixabas pediam favores, músicas e mandavam

recados.

Quanto ao panorama do rádio no País na década de 30, o número de emissoras cresceu notadamente. O suporte comercial e o incentivo político dado na era Vargas formaram a base da chamada "época de ouro do rádio", e esse veículo passou a ser sinônimo de *glamour*. Caso um cantor, locutor ou ator fizesse sucesso, conseguiria mais facilmente realce na imprensa, crédito em estabelecimentos comerciais e transitar em meios políticos.

Segundo o Anuário Estatístico do Brasil, publicado pelo IBGE, em 1958, entre 1923 e 1956, instalaram-se 281 emissoras de ondas curtas nos Brasil. Dentre essas, 180 somente no período de 1951 a 1956.

O aumento acentuado na quantidade de rádios brasileiras na década de 50 se deve ao fim da Segunda Guerra Mundial, que propiciou a retomada do crescimento das indústrias de bens de consumo e melhoria na situação financeira do País.

Com a ampliação do número de emissoras, a concorrência se acirrou. Na luta por audiência as programações se popularizaram ao máximo. A disputa aumentou à medida que a abertura a exploração comercial do veículo atraiu grande quantidade de verba para o meio. Padrões de comportamento foram alterados e criaram-se modelos e necessidades de consumo com a introdução da publicidade no rádio.

A PRI-9 absorveu a tendência de popularização e diversificou sua programação com a contratação de artistas e orquestras. Promoviam-se musicais, programas de auditório, radionovelas, programas jornalísticos e esportivos, entrevistas e shows com artistas locais, nacionais e até mesmo internacionais.

A Rádio Club do Espírito Santo foi conquistando os ouvintes ao longo da década de 40. Chegou a ser uma das rádios de maior prestígio no interior do Brasil, seguindo os moldes das rádios Nacional e Tupi do Rio de Janeiro.

Até o início dos anos 60, os aparelhos de rádio eram privilégio de poucos, por isso, muitas pessoas e caravanas vindas de diversas partes do Estado lotavam os programas de auditório. Criava-se a participação direta do ouvinte.

Conforme salientamos, desde sua primeira transmissão oficial, "A Voz de Canaã" já contava com auxílio financeiro do Governo estadual e de autoridades políticas. Duarte Júnior comenta o período: "O pessoal que fundou a estação não tinha muito poder aquisitivo. O Estado tinha auditório, tinha tudo. Politicamente, era interessante para o governo manter a rádio, que transmitia as informações de acordo com os interesses de quem estivesse no poder".

No dia 15 de junho de 1949, através do Decreto n° 187, o acervo da estação foi incorporado definitiva e oficialmente ao patrimônio do Estado e a emissora teve seu nome alterado para Rádio Espírito Santo, conforme mostra o seguinte decreto:

O Governador do Estado do Espírito Santo no uso de suas atribuições legais, tendo em vista haverem sido adquiridos pelo Estado todas as ações que formavam o capital da Rádio Clube do Espírito Santo S.A., extinguindo-se, conseqüentemente, a referida sociedade anônima, à qual pelo Decreto n° 4.366, de 10 de julho de 1939, foi outorgada concessão para explorar a estação rádio difusora de Vitória, e atendendo à necessidade de regularizar a situação legal dessa mesma emissora,

DECRETA

Art. 1º - Fica incorporado ao Patrimônio estadual o acervo da extinta Rádio Clube do Espírito Santo S.A.

Art. 2º - O Estado explorará diretamente, observadas as condições regulamentares, a estação radiodifusora de Vitória, que passará a funcionar

com a denominação de Rádio Espírito Santo, subordinada à Secretaria do Governo.

Art. 3º - A essa Secretaria prestará contas, periodicamente, o Superintendente que for designado, a quem ficarão competindo os atos de admissão e dispensa do pessoal necessário aos serviços da emissora, na forma das instruções que forem baixadas.

Vitória, 15 de junho de 1949.

Carlos Fernando Monteiro Lindenberg

Alfredo Cabral

Messias Chaves

Com a aquisição da Rádio pelo Governo estadual, foram abertos espaços para divulgações de grande número dos atos e solenidades oficiais. Como não havia nenhuma remuneração por essas veiculações - freqüentemente ocupando espaços que poderiam ser vendidos para anunciantes -, a emissora teve sua situação financeira prejudicada, provocando-se a obsolescência da aparelhagem técnica e levando-se à precariedade das instalações.

As admissões de pessoal eram feitas sem provas ou concursos de seleção, trazendo para o quadro de funcionários servidores com grandes qualidades profissionais, mas também muitos outros sem a necessária qualificação para as funções dos cargos investidos.

A partir de 1950, com Jones dos Santos Neves à frente do Executivo estadual, houve a primeira tentativa de inserção econômica do Espírito Santo no ritmo de desenvolvimento capitalista. Assim, para suprir a carência de mão-de-obra técnica devido à economia estadual ser primário-exportadora, foi criada a Universidade Federal do Espírito Santo, em 1954.

Seguindo a conjuntura desenvolvimentista defendida pelo nacionalismo econômico de Vargas, Jones lançou o *Plano de Valorização Econômica*, que

visava a gerar infra-estrutura necessária para atrair projetos industriais para o Estado. Nesse sentido, ele iniciou a construção da Usina de Rio Bonito e ampliou o Porto de Vitória. A base de sua política econômica centrou-se no núcleo urbano da capital, buscando a criação dessa infra-estrutura que permitisse no futuro o desenvolvimento industrial. Com o objetivo de dar habitações aos menos favorecidos, criou também o Instituto Bem-Estar Social (Ibes).

As ações de Jones dos Santos Neves incentivavam o processo de urbanização da capital, pois, na década de 1950, enquanto no restante do Sudeste a população urbana era de aproximadamente 50%, no Espírito Santo o número de pessoas vivendo no meio rural representava 80% dos habitantes do Estado. Para a Rádio Espírito Santo, o êxodo rural seria interessante, pois poderia aumentar sua audiência.

Em 1950, o número de emissoras no País chegou a 243, garantindo, para a época, um alcance considerável. A Rádio Espírito Santo ocupava o 12º lugar entre as emissoras de maior potência do Brasil, e chegava a competir com rádios do Rio de Janeiro, segundo Délio Grijó.

O rádio no Espírito Santo - que teve desenvolvimento análogo ao ocorrido nos grandes centros do País - havia surgido com propostas voltadas para a elite capixaba, mas com a competição com as rádios cariocas acabou adaptando-se ao estilo popular.

A popularização da transmissora serviu para desencadear o aparecimento de outras rádios com perfil voltado para as pessoas com menor poder aquisitivo, que passaram a concorrer, sem êxito, com ela. Foi assim que surgiram as rádios Vitória e Capixaba, na década de 50. Posteriormente, na década de 1960, surgiria a Cariacica AM.

Os mais populares apresentadores do Estado à época, chamados disquês, formavam a equipe da Rádio Espírito Santo, o que a fazia líder de

audiência em sua área de abrangência.

Ainda em 1950, surge no Brasil, por iniciativa de Assis Chateaubriand, aquela que viria ser a grande concorrente do rádio: a televisão. A primeira emissora foi a TV Tupi, com funcionamento em São Paulo. Nesse momento, devido ao alto preço do aparelho, havia poucos televisores. Além disso, a escassa programação não tinha alcance nacional. Levaria cerca de uma década para que pudesse representar uma ameaça ao rádio.

Quando Francisco Lacerda de Aguiar, o "Chiquinho", assumiu a administração do Estado, em 1954, implementou novas ações que levaram ao recrudescimento do êxodo rural. Com um governo populista, foi permitida a ocupação, por migrantes carentes, de terrenos devolutos na periferia e morros da capital, como Gurigica, Itararé, Romão.

Durante o segundo mandato de Carlos Lindenberg (entre 1958 e 1962), o governador conseguiu que a sede da Companhia Vale do Rio Doce fosse transferida para Vitória. Com essa medida, a Vale investiu mais no Espírito Santo. Também em sua gestão, foi assinado o contrato para a construção do Porto de Tubarão, quando João Goulart governava o País.

Até o final dos anos 60, não havia no Espírito Santo grandes conglomerados urbanos. A inversão da tendência de crescimento demográfico só se deu, no Estado, a partir dessa década, provocada pela crise da economia cafeeira e a política de erradicação dos cafezais. Isso implicou a transferência de capital do setor agromercantil para o industrial. Os fluxos migratórios intensificaram-se ainda mais, acelerando o processo de urbanização, sobretudo na Grande Vitória, contribuindo para que se ampliasse o número de ouvintes da Rádio.

Gera-se uma tensão em função da migração rural para os centros urbanos. Hábitos tradicionais da população cedem espaço para novos costumes que começam a ser introduzidos com o crescimento urbano e

influência direta do meio midiático. Na década de 60, já era possível transmitir a notícia ao vivo do local onde ocorreu o fato. O rádio, a partir daí, tornou-se um veículo de comunicação ágil e de grande impacto.

Em 1961, foi adquirido um novo transmissor para a rádio. O acontecimento foi matéria no jornal "A Gazeta" de domingo, 15 de janeiro de 1961:

MAIS DISTÂNCIAS - Com um novo transmissor de ondas curtas, cuja inauguração se dará no próximo dia 21, adquirido pelo Governo do Estado para a Rádio Espírito Santo, a 1-9, nossa primeira emissora, estará falando para mais longe, levando a "Voz de Canaã" a outros rincões do Brasil, onde antes era impossível penetrar. A programação da emissora sofrerá modificações no sentido de torná-la cada vez melhor e no sentido de que possa, mais ainda, acompanhar o progresso radiofônico nacional (...).

Na ocasião da inauguração da torre transmissora, autoridades municipais, estaduais e federais, representantes da Imprensa, entre outros convidados, assistiram à benção do novo equipamento feita pelo padre Luiz Fuchs.

Em 1962, "Chiquinho" reassume o poder para governar até 1966 e traz de volta o populismo. Houve novos investimentos em infra-estrutura no Estado, com a construção de estradas e aparelhamento portuário. Seu governo foi marcado pelas transformações ocorridas no país que culminaram no golpe militar de 1964. Francisco Lacerda começou a governar o Estado no momento em que Jango orientava sua política para uma posição mais esquerdista. Quando os militares tomaram o poder, o governo de "Chiquinho" foi perdendo ritmo. Lacerda de Aguiar terminou seu mandato processado por um Inquérito

Policia Militar (IPM).

Conforme Marien Calixte, com a ditadura militar passou-se a dar mais ênfase à notícias de obras federais, aos nomes dos governantes e a discursos anti-URSS. A programação começa a ser preparada com antecedência, para ser enviada à censura. Esta tratou de selar, com adesivo, faixas de discos que considerava "subversivas", ou arranhá-las com prego para que não fossem veiculadas.

Desde o início da década de 1960, a televisão começou a se popularizar. Em 1964, o romantismo do rádio já estava sendo absorvido pela TV Sua programação, com novelas, jornalismo, programas de auditório etc. agora era transmitida, com a vantagem das imagens. Até mesmo muitos dos profissionais que trabalhavam para as rádios foram arrebatados pelas transmissoras de televisão. O rádio começa, então, a perder espaço. O advento da TV deslocou seu precursor - este ainda funcionando a válvulas - de seu lugar de honra na sala de visitas, para a cozinha, para o quarto e para outras dependências menos nobres da casa.

A identidade radiofônica foi absorvida pela televisão. Houve quem renunciasse o fim daquele meio de comunicação. Mas a voz não se calou. Para sobreviver, o rádio buscava uma nova linguagem. O processo ocorreu naturalmente, e o veículo - especialmente as estações AM's - encontrou seu espaço como defensor das causas populares.

Dando voz aos ouvintes, o rádio é mediador entre a população e as autoridades. "O rádio passa a ser, além de companheiro, um utilitário. Em alguns programas as pessoas passam a poder ligar e reclamar do buraco na rua, ou de qualquer outro problema da comunidade", comenta Eleisson de Almeida.

Outro fator crucial para a sobrevivência do rádio foi, posteriormente, o uso de pequenos aparelhos portáteis que funcionam a pilha e podem ser

levados a qualquer lugar. Contribuiu ainda, o fato de, diferentemente da TV não ser necessário estar em frente ao aparelho para se decodificar a mensagem por completo, pois, enquanto, se escuta o rádio é possível executar várias atividades. Para Marien Calixte, "no momento em que o rádio não precisou mais da tomada, ele ganhou nova força"

DECRETO N° 26.998, DE 2 DE AGOSTO DE 1949

Outorga concessão ao Estado do Espírito Santo para estabelecer uma estação radiodifusora em Vitória.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, inciso I, da Constituição, atendendo ao que solicitou o Governo do Estado do Espírito Santo e tendo em vista o disposto no artigo 5º, número XII, da mesma Constituição,

DECRETA:

Artigo único. Fica outorgada concessão ao Estado do Espírito Santo para estabelecer em Vitória, Capital deste Estado, uma estação sob o nome de "Rádio Espírito Santo", destinada a executar os serviços de radiodifusão, nos termos das cláusulas que com este baixam, assinadas pelo Ministro da Viação e Obras Públicas.

Parágrafo único. - O contrato decorrente deste concessão deverá ser assinado dentro do prazo de 60 dias, a contar da data da publicação deste decreto no Diário Oficial, sob pena de ser logo considerado nula a concessão.

*Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1949. 128 da Independência e 61° da
República.*

EURICO G. DUTRA

Clóvis Pestana

**CLÁUSULAS A QUE SE REFERE O DECRETO N°
26.998, DESTA DATA**

Fica assegurado ao Estado do Espírito Santo o direito de estabelecer, na cidade de Vitória, Capital desse Estado, uma estação sob o nome de "Radio Espírito Santo ", destinada a executar o serviço de radiodifusão, com finalidade e orientação intelectual e instrutiva, e com subordinação a todas as obrigações e exigências instituídas nesse ato de concessão.

II

A presente concessão é outorgada pelo prazo de dez (10) anos, a contar da data do registro deste contrato pelo Tribunal de Contas e renovável, a juízo do Governo Federal, sem prejuízo da faculdade que lhe assegura a legislação vigente de, em qualquer tempo, desapropriar, no interesse geral, o serviço outorgado.

Parágrafo único. - O Governo Federal não se responsabiliza por indenização alguma, se o Tribunal de Contas denegar o registro do contrato de que trata esta cláusula.

III

O concessionário é obrigado a;

a) admitir, exclusivamente, operadores e locutores brasileiros natos e

bem assim a empregar, efetivamente, nos outros serviços técnicos e administrativos, dois terços, no mínimo, de pessoal brasileiro;

b) suspender, por tempo que fôr determinado, o serviço, todo ou em parte, nos casos previstos no regulamento dos serviços de radiocomunicação (Decreto nº 21.111, de 1 de março de 1932), ou no que vier a reger a matéria e obedecer à primeira requisição da autoridade competente e, havendo urgência, fazer cessar o serviço em ato sucessivo à intimação, sem que, por isso, assista ao concessionário direito a qualquer indenização;

c) submeter-se ao regime de fiscalização que for instituído pelo Governo Federal, bem como ao pagamento, adiantadamente, da quota mensal para as despesas de fiscalização e de quaisquer contribuições que venham a ser estabelecidas em lei ou regulamentos sobre a matéria;

d) fornecer ao Departamento dos Correios e Telégrafos todos os elementos que este venha a exigir para os efeitos de fiscalização e, bem assim, prestar-lhe, em qualquer tempo, todas as informações que permitam ao Governo Federal apreciar o modo como está sendo executada a concessão;

e) manter sempre em ordem e em dia o registro de todos os programas e irradiações lidas ao microfone, devidamente autenticadas e com o visto do órgão fiscalizador;

f) irradiar, diariamente, os boletins ou arquivos do serviço eteorológico, bem como transmitir e receber, nos dias e horas determinadas, o programa nacional e o panamericano;

g) submeter, no prazo de três (3) meses, a contar da data do registro do contrato pelo Tribunal de Contas, à aprovação do Governo Federal o local escolhido para a montagem da estação;

h) submeter, no prazo de seis (6) meses a contar da mesma data de que trata a alínea anterior, à aprovação do Governo Federal, as plantas, orçamentos e todas as especificações técnicas das instalações, inclusive a

relação minuciosa do material a empregar;

i) inaugurar, no prazo de dois (2) anos, a contar da data da aprovação de que trata a alínea anterior, o serviço definitivo, salvo motivo de força maior, devidamente comprovado e reconhecido pelo governo Federal;

j) submeter-se à ressalva de direito da União sobre todo o acervo da sociedade, para garantia da liquidação de qualquer débito para com ela;

k) submeter-se à ressalva de que a frequência, distribuída à sociedade não constitui direito de propriedade e ficará sujeita às regras estabelecidas no regulamento dos serviços de radiocomunicação (Decreto nº 21.111), ou em outro que vier a ser baixado sobre o assunto, incidindo sempre sobre essa frequência o direito de posse da União;

l) submeter-se aos preceitos instituídos nas convenções e regulamentos internacionais, bem como a todas as imposições contidas em leis, regulamentos e instruções que existam ou venham a existir, referentes ou aplicáveis ao serviço da concessão.

IV

O concessionário se obriga a manter sua estação em perfeito funcionamento, com a eficiência necessária e de acordo com as prescrições técnicas que estiverem em vigor ou vierem a vigorar.

V

Pela inobservância de qualquer das presentes cláusulas, em que não esteja prevista a imediata caducidade da concessão, o Governo Federal poderá, pelo órgão fiscalizador, impor ao concessionário multa de Cr\$100,00 (cem cruzeiros) a Cr\$5.000,00 (cinco mil cruzeiros) conforme a gravidade da infração.

Parágrafo único. A importância de qualquer multa será recolhida à

Tesouraria do Departamento dos Correios e Telégrafos, dentro do prazo improrrogável de trinta (30) dias a contar da data da notificação feita diretamente ao concessionário ou da publicação do ato no Diário Oficial.

VI

Em qualquer tempo, são aplicáveis ao concessionário os preceitos da legislação sobre desapropriação por necessidade ou utilidade pública e requisição militares.

VII

A concessão será considerada caduca, para todos os efeitos, sem direito a qualquer indenização:

a) se, em todo o tempo, for verificada inobservância das disposições contidas nas alíneas a , b , c, d, (infine), e, h , i e j da cláusula III;

b) se não forem pagas, dentro dos prazos estabelecidos, a cota e contribuições a que se refere a alínea d da cláusula Ilibem como a importância de qualquer multa imposta nos termos da cláusula V;

c) se em qualquer tempo, se verificar o emprego da estação para outros fins que não os determinados na concessão e admitidos pela legislação que reger a matéria.

§ 1º Poderá a concessão ser declarada caduca, a juízo do Governo Federal, sem direito a qualquer indenização:

a) se depois de estabelecido, for o serviço interrompido por mais de trinta (30) dias consecutivos, ou se se verificar a incapacidade do Concessionário para executar o serviço salvo motivo de força maior, devidamente provado e reconhecido pelo Governo Federal;

b) se o concessionário incidir reiteradamente em infrações passíveis de multa.

§ 2º A concessão será considerada perempta se o Governo Federal não

julgar conveniente renovar-lhe o prazo



Momento de extrema unção: O PE. Luiz Fuchs, Cura da Catedral de Vitória, benze o novo aparelho transmissor da Rádio Espírito Santo.

(legenda por Renato Pacheco, 1951)

Paixão pela Voz

Cláudia Lopes - Jorge Stein - Lígia Maria Fiorio

O rádio desperta paixão. É o meio de comunicação que mexe com o imaginário popular, faz com que as palavras ganhem vida na mente de quem ouve e dá forma à voz.

Além do aspecto sensorial, outras características podem ser atribuídas como causa da grande aceitação do rádio como um meio de comunicação apaixonante: linguagem direta, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo e instantaneidade, além de ser, na primeira metade do século XX, o maior expoente de tecnologia na comunicação social.

Talvez contagiado por essa paixão, Antônio Becacici tenha sugerido aos pais que lhe presentassem com a aparelhagem necessária para a instalação de uma rádio. Conforme relato de Cícero Dantas Filho, filho de um dos primeiros técnicos que atuaram na Rádio Espírito Santo, Becacici conheceu o rádio no Rio de Janeiro, onde Roquete Pinto e Henry Morize haviam fundado a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, tendo condicionado sua volta para Vitória à realização desse desejo. Foi assim que em 1933 surgiu o embrião da Rádio Espírito Santo que, entre 1935 e 1939, funcionou em caráter experimental e amador, sendo transmitida para a região equivalente, hoje, à Grande Vitória.

Nesse período, não havia nenhum meio de comunicação que concorresse com o rádio. A chegada dessa tecnologia de ponta despertou no público capixaba um sentimento de orgulho e euforia. As personalidades mais influentes se reuniam na sede, situada no antigo Mercado da Capixaba, para ouvir as transmissões. A Rádio já adquiria status e era ponto de agito da vida social na capital.

O fascínio da sociedade, aliado ao potencial de influência que o rádio

tinha sobre a população, despertou o interesse da liderança política local, o que culminou com a aquisição de parte da Rádio pelo Governo do Estado. Surgia a PRI-9 Rádio Club do Espírito Santo - "A Voz de Chanaan", primeira emissora registrada do Espírito Santo. *(Os detalhes da criação da emissora estão no capítulo 1).*

Com o poder econômico do aparelho público, a Rádio Espírito Santo ganhou novos horizontes e pôde alçar vôos mais altos. O Governo do Estado investiu na compra de aparelhos, na construção de estúdios e fazia uso de espaços públicos, como o Teatro Carlos Gomes, para suas transmissões. Surgia uma nova era e o aparato estatal soube, desde o início, fazer uso do poder que o rádio possuía, sem deixar transparecer o cunho político-ideológico veiculado na programação diária da emissora.

A paixão popular, o fascínio da tecnologia e o potencial para criação de imagens pessoais e personalidades, muitas vezes folclóricas, fizeram da Rádio Espírito Santo o maior veículo de comunicação do Estado, cobiçado por jovens à procura de fama, artistas querendo divulgação e projeção e por políticos em busca da manutenção de poder. Da paixão pessoal e idealismo de Antônio Becacici, a Rádio Espírito Santo se tornou o maior veículo de promoção político e pessoal antes da chegada da televisão.

Dando forma à paixão

A entrada do Estado na administração da Rádio promoveu sua expansão e trouxe alguma profissionalização à emissora. Isso ocorreu com a aquisição de novos equipamentos e a formatação de uma grade de programação local nos moldes realizados por outras rádios já desenvolvidas em nível nacional, como as rádios Nacional, Mayrink Veiga e Tupi do Rio de Janeiro.

Esse novo formato de programação, aliado a um estilo local de locução,

foi essencial para que o público capixaba criasse uma identificação maior com a Rádio Espírito Santo do que com as demais concorrentes nacionais. Eram dias de romantismo intenso, onde a relação da audiência com os seus ídolos era muito mais passional.

Marien Calixte, que, dentre outras funções atuou como ator, locutor e repórter na emissora, salienta que não se pode comparar a relação entre público e personalidades de então com o que ocorre em tempo de alta exposição midiática, como os de hoje. Mas ele cita episódios de pessoas que guardavam lugar nas filas, que dobravam quarteirões, para garantir a entrada nos shows realizados no Teatro Carlos Gomes ou nas apresentações feitas no estúdio.

A figura do programador não era a mais querida do rádio. Delton Souza, que trabalhou como programador na década de 1960, diz ter passado por maus bocados por conta de sua função. Era o programador quem deveria controlar o tempo entre as locuções, execuções de músicas e as inserções comerciais. Muitas vezes, era necessário cortar o locutor, que, por sua vez, não gostava da interrupção. Delton Souza conta que, certa vez, chegou a ser agredido fisicamente por um locutor por tê-lo interrompido para inserção de um comercial. Apesar dos imprevistos, a experiência adquirida com o tempo ajustou de tal forma a programação da Rádio que essa passou a servir de modelo para outras emissoras.

Essa programação era diversificada e atendia todos os gostos e públicos - confira no fim do capítulo, a programação do dia 20 de dezembro de 1940. Havia programas jornalísticos e esportivos, radionovelas e radioteatros, shows de calouros e programas de auditório, infantis e vários institucionais, que evoluíram com o tempo e o acúmulo de experiência dos profissionais.

Foi o momento em que surgiram os grandes nomes do rádio capixaba. Nomes como Solon Borges, Darly Santos, Duarte Júnior, Jair de Andrade,

Theresinha Gobbi, Hélon Leão, Maria Cibeli e Maurício de Oliveira são conhecidos até hoje, mas poucos sabem que, além de se terem tornado personagens históricos, essas pessoas foram grandes artistas, gente de extremo talento e que aprenderam no dia-a-dia a arte de fazer rádio.

O surgimento de programas como *Sinfonia do Gongo*, *Divertimentos 1-9*, *Hora do Ângelus*, *Radiorepórter Capixaba*, *Binóculos*, *Focalizando os Desportos*, *Felicidades para Você*, dentre outros, foi dando forma à grade de programação da Rádio.

As razões que fizeram com que a identificação do público capixaba fosse se intensificando em relação à Rádio Espírito Santo estão relacionadas ao papel que a emissora passou a desempenhar no imaginário da população e aos serviços que prestava. É seguido o estilo de programas como o de Solon Borges, que se esforçava para distribuir alimentos, remédios, auxílio médico e jurídico. Além disso, o povo fazia da Rádio a sua voz, por meio de reclamações e solicitações divulgadas no ar.

O programa de calouros *Sinfonia do Gongo*, apresentado por Duarte Júnior, disputava em popularidade com Ary Barroso e o seu *A Hora do Calouro*, na Rádio Tupi. Era a possibilidade da realização do sonho dos jovens capixabas de se tornarem artistas de fama nacional. Artistas que podiam ser acompanhados ao vivo em apresentações transmitidas pela Rádio.

Passaram pelo auditório do Mercado da Capixaba e pelo Teatro Carlos Gomes artistas de renome mundial, como Emilinha Borba, Dolores Duran, Nelson Gonçalves e tantos outros. Eram dias de *glamour*. A Rádio Espírito Santo, os programas musicais e de auditório faziam com que as moças desejassem mais que tudo conhecer seus ídolos e se tornarem personalidades como as grandes cantoras do rádio. Era notável a importância de programas como o *Divertimentos 1-9*, comandado por Solon Borges e Duarte Júnior.

A Rádio também investia em nomes novos. Marien Calixte começara no

jornal A Tribuna, como repórter, e logo passou a ter sua coluna de cultura. Na Rádio Espírito Santo apresentou, dentre outros, o seu programa especializado em Jazz, que resiste até hoje, sendo o mais antigo no gênero do rádio brasileiro (atualmente na Rádio Universitária FM).

O jornalismo foi um marco para a Rádio. Na década de 1950, com uma equipe formada por mais de vinte repórteres e editores, a Rádio Espírito Santo era referência. O aparelhamento da emissora pelo governo, com carro de reportagem e transmissor portátil - uma grande mochila com cerca de vinte quilos, carregada pelo repórter - e a proximidade com os órgãos oficiais permitiam a transmissão em primeira mão de fatos que os jornais e outras

emissoras só dariam horas depois ou no dia seguinte. Dessa equipe surgiram nomes como Gérson Camata, do jornalismo policial, e Élcio Álvares, que chegaram a ter grande expressão política, ocupando cargos de governador, senador e ministro.

Entre os programas jornalísticos mais lembrados estão os jornais *Radiorepórter Capixaba*, no estilo do *Repórter Esso*, e o *Na Polícia e Nas Ruas*, que futuramente veio a se chamar *Ronda Policial*, programa de maior audiência por vários anos no rádio capixaba. Havia ainda os noticiários institucionais que foram implantados pelo governo, dando informações oficiais e transmitindo solenidades sob o pretexto de serem programas de cunho puramente jornalístico.

Foram também os anos de ouro do futebol capixaba. Com transmissões ao vivo de jogos do campeonato local e do brasileiro de seleções. Os times do Estado passavam por momentos muito melhores e jogos contra o Santos de Pele, ou o Cruzeiro de Clodoaldo eram garantia de audiência. Os informativos *Binóculos* - homônimo de uma coluna do jornal A Gazeta, escrita por Darly Santos - e *Focalizando os Desportos*, com Darly Santos e Duarte Júnior, elevaram os níveis de interesse pelo desporto capixaba.

Havia uma criatividade intensa para a produção de programas, que, além de populares, geravam renda para a emissora. Dentre esses criadores, vale ressaltar Bertino Borges, idealizador do primeiro programa infantil do rádio capixaba, *Paraíso Infantil*, Luiz Noronha e Hermínio Blackman, professor e autor de radionovelas.

A marca da Rádio Espírito Santo se estabeleceu como padrão para todo o rádio do Estado, disseminando um estilo que se repetia nas demais concorrentes. Pode-se repetir Duarte Júnior e Marien Calixte quando dizem que, em nível estadual, a Rádio Espírito Santo era como a TV Globo na atualidade: ponto de referência para as demais.

Um Estado apaixonado

Toda essa revolução técnica e criativa elevou a importância do rádio na cultura do Estado de tal forma que bastava algum produto ou loja ser anunciado, ou que alguma pessoa aparecesse na programação, para se tornar conhecido.

No princípio, a abrangência era restrita à região metropolitana, devido a limitações técnicas da Rádio ou dos aparelhos receptores. Bastaram duas inovações - o aumento da potência do transmissor e a disseminação do rádio à pilha - para que as ondas da Rádio Espírito Santo ultrapassassem as fronteiras do Estado e a tornassem uma voz estendida ao Brasil.

Com a estatização oficial da Rádio em 1949, foram feitos novos investimentos, e apesar de não ter os melhores equipamentos à disposição no mercado, já se podia ter um alcance muito maior. Em 1952 foi inaugurado um novo transmissor de 10kW em substituição ao anterior de apenas 1kW. Essa melhoria tecnológica possibilitava um alcance nacional e somada ao posicionamento estratégico da antena da rádio - situada próximo ao mar - permitiu que a programação chegasse até a África, fato comprovado

por meio de correspondências recebidas na sede da Rádio vindas de vários países daquele continente, notadamente dos de língua portuguesa.

Já a limitação causada pela falta de distribuição de energia elétrica nas áreas mais distantes e zonas rurais pôde ser superada com a disseminação dos rádios a pilha que eram mais versáteis e de menor custo. Era o impulso que faltava para tornar o rádio ainda mais popular.

No começo não havia como medir a aceitação da Rádio pelo público, pois, não existiam meios de medição de abrangência ou audiência dos veículos de comunicação. Porém, com a criação e expansão do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), essa medição, que era apenas qualitativa, avaliada pelo número de correspondências e telefonemas, passou a receber números e provou, desde o início, que a Rádio Espírito Santo era a líder na preferência da população espírito-santense, chegando a ser a 12^a em preferência em todo o Brasil.

O senador Gérson Camata cita que eram comuns os casos de pessoas que anunciavam aos parentes mais distantes que estariam chegando para visitas ou casos de doença e morte na família. O rádio era mais confiável que o telefone e mais rápido que o correio.

Segundo Camata, a figura do locutor chegou a ser mais valorizada que a do político, tal era o poder de penetração que o rádio alcançara. Nesse aspecto, a Rádio Espírito Santo era reconhecidamente líder. Graças ao seu alcance no Estado e à popularidade de seus profissionais, muitos deles chegaram a fazer carreira política, batendo nas urnas nomes já consagrados no cenário político local e até nacional. São os casos do próprio Camata e do ex-senador Élcio Álvares.

Tal era a audiência da Rádio Espírito Santo que nos programas *Hora do Ângelus* - pedidos de oração e agradecimento seguidos da execução da "Ave-Maria" - e *Felicidades para Você* - felicitações por datas comemorativas e

aniversários, sempre entremeados por músicas de sucesso da época - o locutor passava até quinze minutos apenas citando nomes de ouvintes antes de tocar a música. O poder e a audiência da Rádio se tornam mais evidentes se considerarmos que cada citação era paga pelo solicitante. Esses programas tinham tamanha audiência que chegaram a ser duas das maiores fontes de recursos para manutenção da Rádio.

Alimentando a paixão

Como qualquer negócio, o rádio não poderia sobreviver somente da paixão do público ou de seus idealizadores. Era necessária uma grande carga de patrocínio e publicidade.

Para proporcionar a obtenção de um número de anunciantes viável foi criado um departamento comercial na Rádio, onde corretores ficavam percorrendo os locais de comércio nas cidades, oferecendo inserções na programação e o patrocínio de programas específicos.

Havia programas como o *Jornal Falado do Sal de Frutas Eno*, no qual o patrocinador comprava o nome do programa. Em outros, como os musicais, eram intercaladas músicas e inserções comerciais. Em alguns horários havia até o dobro do tempo de comercial em relação às músicas, como relata Delton Souza.

A propaganda governamental não era paga e nem era tão explícita. O que havia era a veiculação dos programas institucionais e notícias oficiais durante os programas jornalísticos. Para Marien Calixte, havia uma espécie de censura velada, onde o repórter não era aconselhado a fazer matérias de repercussão negativa para o governo. Calixte diz que em alguns casos o repórter poderia ser demitido sumariamente sem que fosse alegado nada que justificasse o ato.

A forma de pagamento do governo por essa propaganda era a manutenção da Rádio em funcionamento, com reposição de peças e compra de

equipamentos para modernização da emissora.

As propagandas são um caso à parte. Como não havia agências de publicidade, os *slogans* e *jingles* eram produzidos na própria Rádio e em muitos casos não passavam de pequenas notas lidas ao vivo.

Muitas inserções comerciais eram gravadas nos antigos "bolachões" - discos de massa para execução em aparelhos de 78 rotações - ou em rolos de fitas, juntamente com músicas e eram veiculadas em conjunto, em horários específicos na programação.

Programas como *Hora do Ângelus* e *Felicidades para Você* foram grandes estratégias de marketing feitas na época e aliavam a enorme audiência da Rádio Espírito Santo com a vontade que os fãs tinham de ter seus nomes citados pelos locutores que admiravam.

Algumas inserções comerciais da época podem exemplificar melhor o caráter amador da produção publicitária, que, apesar disso, ainda era extremamente lucrativa:

"Fábrica de camisas Braiser, subindo as escadas, os preços descem. Suba as escadas e pague mais barato pela sua camisa na fábrica de camisas Braiser".

"Um fogão Berta Esmaltado, branco ou com desenhos coloridos, proporciona conforto e beleza à sua cozinha. Berta: procure ver os diversos modelos e tamanhos."

"Ontem tossindo, hoje sorrindo. Peitoral de Angico Peldense, em 24 horas destrói defluxos e suas manifestações."

"(barulho do sal na água) - Primeira coisa ao levantar, última ao deitar. Sal de fruta Eno, laxante e antiácido estomacal".

"Garoto. A maior e mais bem organizada fábrica de balas e bombons da América do Sul. Balas, doces, chocolates, bombons, caramelos, pastilhas, manteiga e massa de cacau. H. Meyerfreund & Cia."

Programação publicada em A Gazeta de 20/12/1940 na coluna Rádio

Club do Espírito Santo:

11:00 - 12:00 - gravações (espiquer Jair Amorím)

12:00 -12:15- gravações

12:15 - 12:20 - 1ª edição do Jornal Falado do Sal de Fruta ENO

12:20 - 13:00 - Um instante de boa alimentação com o Dr. Almeida

Rebolças

13:00 - 13:10 - 1ª edição d'O Seu Jornal'

13:10 -13:30 - gravações (espiquer Paulo Alves)

17:00 - 18:00 - gravações

18:00 - 18:00 - Ângelus

18:00 - 18:45 - gravações

18:45 - 19:00 - Rádio Esportes Capixaba: Betinho (espiquer Paulo Alves)

estúdio

19:00 - 19:05 - 2ª edição do Jornal Falado do Sal de Fruta ENO

19:05 -19:15- Ari Monteiro

19:15- 19:30 - Nair Coutinho

19:30 - 19:35 - Um instante de cinema escrito por Jair Amorím

19:35 - 19:45 - Darly Santos

19:45 - 20:00 - Noticiário Oficial do Estado

20:00 - 21:00 - Hora do Brasil

21:00 - 21:15 - Darly Santos

21:15- 22:00 - Ari Monteiro

22:00 - 22:05 - Crônica do dia por Ciro Vieira da Cunha

22:05 - 22:15 - Irmãos Oliveira

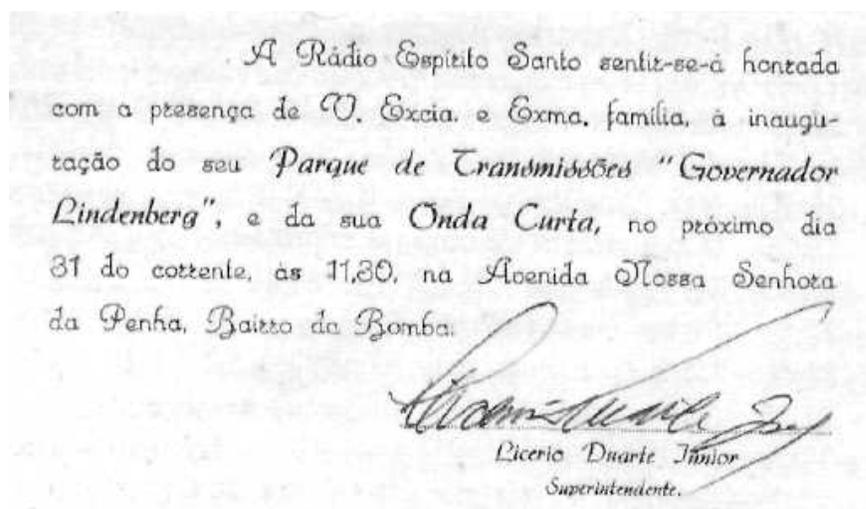
22:15 - 22:30 - Última edição d'O Seu Jornal' com o noticiário fornecido

pel'A Gazeta

22:30 - Boa Noite (espiquer Jair Amorím)



Parque de transmissões "Governador Lindenberg" na Avenida Nossa Senhora da Penha



Convite para a inauguração do Parque de Transmissões "Governador Lindenberg" e do transmissor de ondas curtas.



Carlos Lindenberg inaugurando o transmissor de 10kW, em 31 de Janeiro de 1952

Vozes que mobilizaram uma época

Camila Torres - Pran Bernardes - Almir Alves

"Naquela época, duas coisas eram exigidas: voz forte e conhecimento da língua portuguesa".

Licério Duarte Júnior

E difícil imaginar uma rádio com as estruturas atuais transmitir um programa ao vivo com a presença de mais de 200 ouvintes. Não pela especificidade da grade da emissora, mas pela limitação imposta pelo espaço físico das estações de hoje. Programas de auditório são, atualmente, adotados somente pela televisão. E como na década de 40 ainda não existia TV no Brasil, o rádio assumia o papel de grande comunicador da época. Somente a partir de 1950 os dois veículos passaram a co-existir. Poucos tinham telefone e o correio ainda era lento. Para se ter uma idéia, um telegrama levava até quatro dias para ser entregue. As pessoas participavam da vida política do País e se inteiravam de informes econômicos e esportivos por meio da transmissão de programas de rádio, que chegavam às lojas, oficinas, ruas e casas de todo o Brasil. Contudo, eram os programas de entretenimento que tinham maior interatividade e repercussão com o público. Os ouvintes da PRI-9 participavam e conheciam todos os artistas da Rádio, fossem eles locutores, apresentadores de auditório, atores de radionovelas ou cantores capixabas de sucesso. Era difícil encontrar alguém que não ouvisse rádio ou que não participasse das transmissões dos programas de auditório.

A Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a PRE-8, foi a responsável pela formação cultural, artística e de comercialização da radiofonia carioca, difundindo seu estilo por todo o País. Os modelos de programas da Rádio Nacional inspiraram outras rádios, e os estilos dos locutores também. E com a

Rádio Club do Espírito Santo não poderia ter sido diferente. Embalada pelos áureos tempos do rádio brasileiro, a PRI-9 ganhou espaço e notoriedade na sociedade capixaba. Mas, mesmo recebendo influência dos estilos das maiores rádios do Rio de Janeiro e de São Paulo, aos poucos, a programação foi ganhando características locais e os programas foram se desenvolvendo para atender o público espírito-santense.

No início da estruturação da Rádio Espírito Santo, a Casa dos Estudantes teve uma importante contribuição no processo de formação de locutores, pois através dela foi criado o Serviço Estudantil de Intercâmbio e Propaganda (Seip), que espalhou alto-falantes nos principais pontos da cidade de Vitória, transmitindo programas musicais, noticiários políticos,

esportivos e debates sobre temas diversos. O Seip foi o grande preparador de locutores e programadores e muitos de seus estudantes integraram o quadro de profissionais da Rádio, tendo, alguns deles, seus nomes consagrados no cenário radiofônico capixaba. Nomes como Jair de Andrade Gonzaga, Hélcio Leão, Fraga Filho, Pena Filho e Renato Lima se juntaram aos já conhecidos Bertino Borges, Darly Santos, Licério Duarte Júnior, Cody Santana Có, Paulo Bonino, Pedrinha, Solon Borges, Arlette Cypreste, Terezinha Gobbi e Jolindo Gagno.

A Rádio Espírito Santo passou a oferecer, com esses locutores, uma programação eloqüente aos ouvintes capixabas, que não mais ficavam limitados aos programas de rádios de outros Estados, como a Nacional, a Tupi e a Mayrink Veiga. Com isso, a audiência da PRI-9 aumentava consideravelmente e seus ouvintes se viam cada vez mais envolvidos com a programação da emissora.

A figura do locutor na Rádio Espírito Santo significava muito mais do que um personagem que emprestava a voz para dar vida aos programas. A relação com os ouvintes era tão próxima que muitos deles chegavam a levar

guloseimas, como bolos, tortas e outros doces, para seus ídolos e também os convidavam para festas e jantares em suas casas. Os locutores eram tratados como verdadeiras autoridades. Às vezes, a amizade se transformava em uma relação de família e os radialistas eram convidados a serem padrinhos de casamento ou de batismo. Embora trabalhar em rádio gerasse prestígio, os profissionais, fossem eles homens ou mulheres, eram vistos com ressalvas pela população, devido ao preconceito de serem considerados personalidades de caráter e moral duvidosos, assim como artistas de outros veículos, como galãs de cinema. Os apresentadores podiam até freqüentar a casa de alguns ouvintes, mas nunca se interessar pela filha de alguém. Afinal, no dito popular, "locutor nenhum prestava". Eventualmente, surgiam alguns problemas conjugais por causa do ciúme que o assédio gerava, tanto por parte da família do locutor quanto da família da fã.

A aproximação **dos ouvintes com a PRI-9**

Valberto Nobre foi ouvinte assíduo de todos os programas de disquetóquio que existiam na PRI-9. Ele participava da programação pedindo música e freqüentando o auditório da Rádio. Nobre participou tão intensamente das programações que, aos 16 anos de idade, foi convidado a fazer parte da equipe da Rádio Club Espírito Santo. Contratado como programador musical, o convite foi para ele como um presente, já que a contratação aconteceu em 15 de março de 1964, dois dias depois do seu aniversário. Entre os ouvintes da época, também estava Luzia Vale de Andrade, que reconhece a influência que a Rádio exercia no comportamento dos ouvintes, que pertenciam a vários setores da sociedade capixaba, desde os mais ricos aos mais humildes. O rádio encantava, fascinava, lotava auditórios e reunia centenas de fãs onde quer que o programa fosse transmitido: na praça, no clube, no teatro, em qualquer lugar.

A diversão era garantida a quem fosse prestigiar o *Sinfonia do Gongo*, programa de calouros apresentado no domingo à noite. "Esse era o programa que mais me divertia", revela Licério Duarte Júnior, apresentador do programa até a década de 60. Ele conta que, além de ter sempre a casa cheia, era um desafio concorrer com Ary Barroso, da TV Tupi, já que os dois iam ao ar no mesmo horário. "Nossos programas tinham o mesmo formato. Ambos recebiam calouros para se apresentarem. Era gente querendo ser cantor, locutor, apresentador, ator de radioteatro... A melhor performance era apresentada ao final do programa".

Poucas pessoas sabem que a Terceira Ponte, que liga os municípios de Vitória e Vila Velha, tem o nome de um dos calouros do *Sinfonia*. Darcy Castelo Mendonça foi contratado e revelado pela PRI-9, seguindo mais tarde a carreira política. Faleceu quando ainda era deputado. Outro nome também projetado pela Rádio foi o do locutor Solon Borges, que se tornou prefeito de Vitória com a ajuda da popularidade que a Rádio lhe proporcionou.

Duarte Júnior, como todos o chamavam e ainda chamam, lembra que uma vez deu um texto do programa *Voz da Profecia* a um calouro. O pobre rapaz tremia tanto que mal conseguia segurar o papel. Com o texto na mão, o calouro começou: "Vai ao ar mais um programa Voz da P-R-O-F-I-L-A-X-I-A". Coitado, nem percebeu a gafe que tinha cometido e BUUUM... A cacetada no gongo era tão forte que muitos calouros chegavam a pular com o estrondo.

O gongo usado no *Sinfonia* deu vida ao personagem Dom Pancho, que batia o prato toda vez que o calouro não se apresentava bem. Ele vestia uma roupa vermelha e muitos diziam que parecia o diabo. Com Dom Pancho, tudo era aceito com bom-humor e ele não se ridicularizava, mesmo com as atitudes mais gozadas que terminavam acontecendo durante as transmissões. Dom Pancho era um jovem negro, morador da Ilha do Príncipe, que, pela sua

simpatia, acabou sendo empregado pela PRI-9. "Ary Barroso criou o Macalé e nós, o Dora Paricho", diverte-se Duarte Júnior ao rememorar a figura símbolo do programa. Era mesmo uma criatura simples e boa, que não se apertava em nenhuma situação difícil.

Houve uma vez em que Duarte Júnior pediu um minuto de silêncio ao auditório. Enquanto todos cumpriam a ordem, Dom Pancho sussurrava: "Silêncio pessoal, não falem. Um minuto é pouca coisa. Psiu... Calma, minha gente... não façam barulho". Dom Pancho falou o tempo todo, mas por zelo ao silêncio recomendado. Um minuto depois, Duarte Júnior, que ia dedicar o silêncio à memória de um ilustre cidadão, recorreu ao improvisado: "Acabamos de transmitir um minuto de silêncio, gentilmente oferecido por Dom Pancho, a Casa do Barulho". E assim salvou o espetáculo glorificando seu assistente. Na PRI-9, segundo nos reporta A Tribuna, em edição da época, Dom Pancho era um número de atração, uma verdadeira descoberta de Duarte Júnior. Mais tarde, ele foi substituído por um anão chamado Aloir, tão carrasco que causava medo em todo mundo que ia se apresentar.

Diversão, prêmios e audiência

Além do *Sinfonia*, Duarte Júnior participou de outros programas, como o *Focalizando os Desportos*, com Darly Santos, mais conhecido como Mickey, e *Divertimentos 1-9*. Nesse último, a platéia concorria a prêmios, como geladeiras, fogões, máquinas de costura. Essa característica tornava o programa popular e garantia casa cheia em todas as tardes de sábado. Também contava a favor do programa a participação de Solon Borges, figura de inteligência invejável, que contribuía com sua habilidade radiofônica.

Certa vez, conforme também registra coluna em A Tribuna, Solon impressionou todo o público quando anunciou: "Temos o prazer de apresentar, agora, uma grande artista do rádio brasileiro". Baixando o

microfone com um sorriso nos lábios, Solon deixou a platéia ansiosa. Apareceu no palco do *Divertimentos* uma garota de apenas sete anos de idade. "Vera Lúcia, esta grande artista do rádio brasileiro!!!". Todos ficaram surpresos e a reprovação tomou conta do auditório. O primeiro número que Vera Lúcia apresentou foi a valsinha "Mãezinha Querida".

Com graça e beleza, logo a pequena encantou a todos com sua voz notável e sua pouca estatura. Com um talento fora do comum, Vera Lúcia não era só artista do microfone. Atendendo aos pedidos do auditório, ela também dançou a rumba "El cubanero", com o mesmo treme-treme de uma Cuquita Carballo. O resultado não poderia ter sido outro: a garota arrancou demorados aplausos de quem estava presente.

Versatilidade era atributo

Outro programa que marcou época foi o *Dirigindo com Música*, comandado por Jair de Andrade Gonzaga, que durante anos foi sucesso de audiência no horário das treze horas, de segunda a sexta-feira. Ele foi considerado um dos maiores fenômenos de audiência da Rádio daquela época. O programa impulsionou a produção musical dos compositores e cantores do Estado, além de apresentar uma qualidade indiscutível. O

Dirigindo com Música tinha grande aceitação de seus ouvintes e isso se refletia no sucesso obtido pelas melodias da época. O programa chegou a ser apresentado nos salões do clube Náutico Brasil e Saldanha da Gama, em Vitória, e no Libanês, em Vila Velha, sempre acompanhado por uma multidão de fãs e ouvintes apaixonados.

Jair de Andrade Gonzaga reunia características polivalentes para o trabalho no rádio, já que, além de locutor, exercia papel de ator, comentarista esportivo, repórter, entrevistador, dentre tantas outras atividades. E ao lado de locutores do quilate de Duarte Júnior, Nabor Vidigal e Solon Borges, fez

coberturas do concurso de Miss Brasil durante anos, transmitindo direto do Maracanazinho, além, é claro, dos bailes carnavalescos do Monte Líbano e do Fluminense, eventos esportivos e religiosos do Rio de Janeiro e São Paulo.

Parabéns pra você nesta data querida, muitas felicidades...

Felicidades para Você era um programa transmitido diariamente, das dez da manhã ao meio-dia. Os ouvintes participavam dedicando músicas, mandando cartas ou ligando para o programa para enviar recados e votos de felicidades para os aniversariantes do dia. Entretanto, as ligações telefônicas, ainda feitas com manivela, nem sempre eram realizadas com sucesso, pois também necessitavam do auxílio da telefonista. As pessoas esperavam dias pela sua vez. O processo era realmente lento e, às vezes, interrompido. Em alguns casos, quando uma canção era pedida por vários ouvintes, o locutor passava até quinze minutos anunciando os nomes dos homenageados. Alguns ouvintes chegavam a pagar para ter a garantia de que o nome do aniversariante seria lido no ar. Assim, o programa, além de gerar uma estrondosa audiência no horário, ainda rendia bons dividendos à Rádio.

Felicidades para Você era um verdadeiro programa de recados do coração. Enquanto um público era fiel ao programa, outro o criticava dizendo que a produção se assemelhava a programas de parques de diversão. Os recados que eram falados nos parquinhos tinham tom de paquera e pegavam desprevenidos rapazes e moças com os elogios que todos podiam ouvir. *Felicidades para Você* foi ao ar até o final da década de 60, com apresentação de Bertino Borges, que conduzia com maestria três horas de programação.

Borges teve sua carreira popularizada e reconhecida pela sua simpatia. Apesar de sua voz não se enquadrar nos padrões de rádio, ele tinha bastante carisma junto aos ouvintes. Enquanto Duarte Júnior tinha sua voz comparada a de Carlos Frias, locutor da Rádio Nacional, Bertino Borges gaguejava em

locações de propagandas. Mas quando era preciso transmitir alguma solenidade, não existia voz mais apropriada que a dele. Sua locução para essas ocasiões era baixa, calma e compassada, de modo que não interferia na cerimônia.

Além de locutor, Borges também produziu *Paraíso Infantil*, um programa de auditório feito para crianças. Sua transmissão acontecia todos os domingos pela manhã, começando às dez e terminando ao meio-dia. Devido ao sucesso, *Paraíso Infantil* chegou a receber até quatrocentas pessoas, entre adultos e crianças, mesmo que a estrutura do auditório só comportasse a metade desse número. Bertino Borges também comandou o programa carnavalesco *Brinca Pessoal*, que ia ao ar todos os dias, de meio-dia a uma da tarde. O programa tinha tambores,, tamborins e contava com a participação dos blocos carnavalescos do Estado.. Sua transmissão era feita ao vivo do estúdio da Rádio.

Oração através do rádio

Todos os dias, às seis horas da tarde,, a cidade parava e a sintonia de todos os rádios era a mesma. Com o programa *Hora doÂngelus*, Solon Borges, grande locutor da PRI-9, fazia um belo momento de oração com os capixabas. Todas as pessoas paravam para se benzer e para ouvir a Ave-Maria. Às vezes, era o locutor Jair de Andrade Gonzaga quem fazia a Barracão. O programa virou uma verdadeira fonte de renda para a Rádio.

As pessoas mandavam dinheiro para que se rezasse o terço em uma intenção especial ou para que se fizessem orações a um conhecido. Os envelopes chegavam à Rádio, muitas vezes,, sem identificação e se o ouvinte alcançasse uma cura ou tivesse seu desejo atendido era certo que o apresentador seria gratificado ou que receberia uma visita. Os locutores da Rádio eram os ídolos dos ouvintes que, quando não iam até os programas de

auditório para conhecê-los, compareciam pessoalmente aos estúdios e ficavam, através do vidro, admirando a voz que lhes era tão familiar, a mesma que ouviam todos os dias.

A religiosidade não era restrita ao programa Hora do Angelus. Solon Borges e Duarte Júnior foram juntos ao Rio de Janeiro para transmitir o Congresso do Coração Eucarístico. E quando a imagem de Nossa Senhora de Fátima Peregrina esteve na Santa Casa de Misericórdia de Vitória, Duarte Júnior narrou todos os passos da santa na capital.

Licério Duarte Júnior: talento comprovado

Já o *Radiorepórter Capixaba* destacava o brilhantismo da voz de Duarte Júnior. Era um noticiário que ia ao ar de hora em hora. Dona Diva, antiga ouvinte da PRI-9 e mulher de Duarte Júnior, conta que sua voz era solicitada toda vez que havia uma transmissão oficial a ser feita. "A Rádio Nacional tinha o melhor locutor da época, o Carlos Frias, que era o apresentador do *Repórter Esso*. A PRI-9 aproveitava a semelhança das vozes dos dois e colocava o Duarte para transmitir os comícios, jantares e outros eventos da política". Em momentos como esses, Duarte ficou lado a lado com Eurico Gaspar Dutra, Carlos Lindenberg e outros políticos. Quando Getúlio Vargas veio ao Estado para a inauguração da ponte que recebeu o seu nome, em Linhares, era Duarte quem estava lá fazendo a transmissão. Ele foi a voz oficial da Rádio com o programa *Radiorepórter Capixaba*. O noticiário seguia a linha do *Repórter Esso*, com notícias políticas, econômicas e esportivas, fossem elas de interesse local ou nacional. Um outro noticiário oficial que existia era o do Tribunal de Justiça, também narrado por Duarte Júnior.

Jornais que circulavam à época, "O Diário" e "A Tribuna", aproveitando o estado de euforia que tomava conta de todos, lançaram um concurso para

escolha do "Rei do Rádio". Todas as emissoras radiofônicas apoiaram a iniciativa, especialmente a Espírito Santo, que divulgava como os ouvintes deveriam proceder para votarem nos seus locutores prediletos. Os jornais traziam cupons nos quais o ouvinte deveria colocar o nome de seu locutor preferido e depositar nas urnas espalhadas pelos principais pontos da cidade. Alguns empresários que tinham preferência por determinado locutor chegavam ao ponto de comprar todos os exemplares dos jornais nas bancas, a fim de garantir a vitória da voz que mais lhes agradava. Mesmo assim, a disputa foi acirrada. Foram organizados fã-clubes por ouvintes apaixonados que levavam cartazes e torcida para os auditórios dos programas de seus locutores de preferência.

O concurso durou seis anos e movimentou toda a sociedade capixaba da época. Semanalmente, as urnas eram abertas e os votos, conferidos e atualizados. Os locutores que normalmente lideravam as disputas eram Solon Borges, Paulo Bonino, Bóris Castro, Norberto Júnior, Paulo Roberto, Castelo Mendonça, Jairo Maia, Duarte Júnior, Nilton Gomes, Aírton Gouveia, Hélio Carneiro, Alberto Ferreira, Eduardo Ribeiro, Nelson Santos, Nelson Zaneti, Wilson Machado e Jairo de Andrade Gonzaga.

Em 1952, o concurso elegeu Licério Duarte Júnior o melhor locutor capixaba e o talento estava comprovado. O menino que antes fazia propagandas no comércio e usava alto-falantes para chamar a atenção dos consumidores, agora era aclamado pela população. Cody Santana Có, um dos diretores da Rádio, estava iluminado ao chamar o garoto do Centro da Cidade para trabalhar na PRI-9. Com um coração tão belo quanto a sua voz, Duarte Júnior doou o prêmio de dez mil cruzeiros à Campanha de Combate ao Câncer que se fez na época, conforme edição do jornal Folha do Povo.

Usando as palavras de Duarte Júnior, o locutor daquele tempo tinha que ser "pau pra toda obra". Ele mesmo chegou a integrar o elenco das

radionovelas e fez vários episódios ao lado de Rodolfo Maia, o maior ator brasileiro da época. As radionovelas eram famosas não só por seus atores, mas também pelos efeitos de sonoplastia que eram produzidos. Trovões, gritos, ecos, tudo era reproduzido com papéis, vasilhas e outros materiais improvisados.

Mais um grande nome da Rádio Club Espírito Santo foi o de Jairo Maia, outro apresentador que conduziu programas musicais com a participação de ouvintes. *Qual é a Música*, lançado na década de 60, era um programa que tocava as canções pedidas pelo telefone. A participação do público era tamanha que o sistema ficava congestionado. A empresa de telefonia da época precisou entrar em contato com a Rádio e pedir que o programa mudasse de horário. *Qual é a Música* era realizado entre duas e cinco da tarde, hora do movimento de compensação dos bancos e do sorteio e resultado do jogo do bicho. Este era de fato o momento de pico das ligações. O programa mudou de horário, passou a ser pela manhã, mas continuou com o mesmo sucesso de ligações. Jairo Maia é um dos poucos locutores que continuam trabalhando em rádio até os dias atuais.

Rádio além dos estúdios

A PRI-9 não parava de inovar sua grade de programação. Em 1951, a Rádio incluiu em sua grade um programa de divulgação da poesia capixaba. *Rondas de Poetas* era apresentado por Ivone Anuorim, que trazia para o auditório da Rádio poetas, autoridades, cantores e solistas, proporcionando aos ouvintes e à platéia uma seqüência de poesias das mais finas, das mais delicadas que se tinha para prestigiar. Havia, ainda, as caravanas da alegria, que, às vezes, levava o nome do patrocinador, como a Caravana Kolynos. Era um caminhão que saía com vários artistas para fazer apresentação de programas diretamente dos bairros e de outros municípios do Estado, segundo

escreveu o jornal Folha do Povo.

Naquela época, a Rádio não podia se reduzir aos estúdios, por isso, também eram promovidos shows de grandes artistas nacionais em Vitória. Nomes de sucesso como o de Emilinha Borba estiveram nos palcos dos teatros Glória e Carlos Gomes. Era comum ver as estruturas dos teatros ficarem destruídas depois das apresentações porque o número de pessoas que eles recebiam era muito maior do que o espaço realmente suportava. Mas também era comum apresentadores como Benjamim Valença pregarem suas peças.

Délio Grijó de Azevedo, ouvinte assíduo da Voz do Canaã, lembra que Benjamim, algumas vezes, anunciava a presença de artistas nacionais no Estado para, na verdade, atrair um grande público. E como era de costume,

o teatro ficava apinhado de gente. Passados alguns minutos de atraso, surgia a figura de Benjamim, com sua gravata borboleta, para os seus mais "sinceros" pedidos de desculpas. "Respeitável público, estamos fazendo todos os esforços possíveis para que Emilinha Borba se apresente. Tenham calma que em breve o show vai começar". E lá se ia Benjamim. Quando o público já estava aflito por esperar o show que supostamente aconteceria, voltava ele com seu discurso. "Devido ao mau tempo no Rio de Janeiro, recebemos a notícia de que o avião de Emilinha não pôde decolar". O público furioso era acalmado pelo locutor. "Porém... temos o orgulho de apresentar neste teatro lotado nada menos que Maria Cibeli". E a cantora capixaba, que tinha uma voz tão bela quanto a da cantora nacional, segurava a platéia e a transmissão, como programado, era sucesso de público.

Além de todos esses programas de entretenimento e informação, a Rádio era o lugar que as pessoas procuravam em caso de necessidades. Se o problema fosse saúde, a solução era ir à Rádio. Se o problema fosse polícia, a solução também estava na Rádio. A emissora exercia um papel assistencial

muito forte, fazendo campanhas, ajudando as pessoas que iam ao prédio da PRI-9 pedir auxílio, emprego, ou mesmo reivindicar os direitos dos cidadãos. Isso acontecia porque o rádio atingia a todas as classes indistintamente. Se alguém mandasse um recado pelo rádio era certo de que ele chegaria ao seu destinatário, tamanha era a sua repercussão. Por isso, muitas vezes, recados de família e de falecimento eram transmitidos pelo rádio, e até encontros eram marcados pelas ondas radiofônicas. Afinal de contas, o jornal ainda não havia chegado aos números de hoje e a tiragem não era tão expressiva, se comparada ao número de habitantes. Havia também a demora com o transporte dos impressos para o interior de Estado. O rádio, por sua vez, era imediato.

Na família do ouvinte Délio Grijó, todos ouviam rádio. Com sete irmãos, ele era o que mais se interessava pelos programas como ele próprio disse, o mais fanático pela Voz de Canaã. Cada um da família tinha o seu programa preferido. Enquanto sua mãe gostava das radionovelas, seu pai preferia o noticiário. Grijó era fã do *Sinfonia do Gongo*. A família Grijó era dona de uma grande loja de ferragens que ficava no Centro da Cidade. Com poder aquisitivo mais elevado, eles possuíam rádios de marcas conhecidas, como RCA, Telefunken e Piloto. Esses rádios possuíam uma válvula exposta, chamada de olho mágico, que, quando a sintonia era ajustada perfeitamente, as cores verdes do aparelho ficavam sobrepostas.

Os efeitos da ditadura na programação da PRI-9

A partir de 1964, a Rádio passou por um processo de censura por causa da ditadura militar. Delton Souza, que entrou para a PRI-9 em 1958, quando tinha apenas treze anos de idade, viveu o reflexo da repressão que o País sofria dentro do prédio da PRI-9. "O período de 64 foi muito tenso porque começou a ditadura e a figura dos sensores se tornou comum nos estúdios. As

gravadoras mandavam os discos para a gente e os militares riscavam com prego as faixas que não podiam ser tocadas. Era censura mesmo". A lista com toda a programação da Rádio era enviada previamente para a avaliação da censura e o que os militares não queriam que fosse dito ou tocado era cortado. Por isso, houve época em que a programação tinha que ficar pronta com uma semana de antecedência para que houvesse tempo de ela ser avaliada e de receber o carimbo de aprovação.

Mesmo com todas essas dificuldades, a PRI-9 manteve 24 horas de programação no ar. Muitos programas que existem atualmente nas estações do Estado remontam ao início da PRI-9. O formato do *Felicidades para Você* é seguido até hoje por várias emissoras. A televisão também se inspirou nos programas de auditório. Muitos locutores que começaram no rádio migraram para o veículo de comunicação que acabava de chegar ao Espírito Santo. O radialista Licério Duarte Júnior é um exemplo. Ele trabalhou na PRI-9 até a década de 60, quando ingressou nos Diários Associados. Mais tarde, Duarte retornou ao Estado para fundar a TV Vitória. A partir de então, as vozes ganharam rostos e os ouvintes passaram a conhecer a imagem de seus ídolos, que até então lhes era oculta.

Texto em homenagem ao aniversário de Licério Duarte Júnior

Escrito por: Hermínio Blackman Apresentado por: Luis Noronha

Vitória, 13 de setembro de 1949.

"Boa tarde para você, ilustre radialista Licério Duarte Júnior, elemento real de destaque na radiofonia espírito-santense que, no dia de hoje, vê transcorrer mais um aniversário natalício. É mais um ano de existência

dedicado ao soerguimento de nossa emissora. Pelo longo espaço de tempo que já conhecemos o Duarte Júnior, podemos, sem temer à contestação, dizer que possui um espírito progressista e destinado às grandes vitórias na vida. Como amigo, sabe o nosso prezado companheiro angariar a simpatia de todos aqueles que o cercam. Como funcionário que é da PRI-9, tem sabido, através dos tempos, ser mais e mais merecedor da nossa confiança, pelo senso de responsabilidade que possui e pela noção de dever que orientam suas iniciativas. Ora como redator desportivo, ora como animador de programas o auditório. Duarte Júnior tem sabido merecer a distinção do nosso público rádio-ouvinte. Não sabemos se devemos classificar o Duarte Júnior pelo mm valor como locutor de programas de estúdio ou se como credenciado "speaker" esportivo, visto que, em todos os setores que se o põe, sabe sempre desempenhar as funções satisfatoriamente! E, sabem quem é o Repórter Riachuelo? Pois bem! É o Duarte Júnior!

E, como muitos outros, este é um dos poucos batalhadores com quem, felizmente, pode contar a Rádio Espírito Santo, para seu progresso e para MM grandeza. Ele é um destes elementos que ainda lutam por um ideal que permanece aceso, através dos tempos. É ele um trabalhador incansável com quem se pode contar a qualquer hora, desde que esteja em jogo o interesse da PRI-9.

Por este motivo, neste ensejo, quando comemora mais um ano de existência, não lhe poderíamos deixar de enviar a este grande amigo comque podemos contar e com quem conta a nossa estação para cumprimento da missão a quem se destina.

É porque você, no dia de hoje, vê passar o seu aniversário natalício, o que, desejando-lhe eterna felicidade, tenho o prazer de dedicar-lhe hoje, Licério Duarte Júnior, o meu boa tarde, o meu boa tarde para você..."



Programa *Paraíso Infantil* irradiado aos domingos, espaço entre 10 e 11,30 horas, dirigido por Bertino Borges, teve suas diretrizes ampliadas, divertindo didaticamente as crianças espírito santenses, que se preparam para a luta pela vida, sem timidez nem falso pudor
(legenda por Renato Pacheco, 1951)



Teatro Carlos Gomes superlotado durante show de música promovido e transmitido pela Rádio



As fotos mostram a casa antes da apresentação e como o local ficou depois do evento.

Astros e Estrelas da PRI - 9

Flávia Monteiro - Roberta Nunes - Samantha Lievore

"Então Mundico me disse: 'Rapaz, você vai ali na escada que chegou um garoto com um violão... ele tem um vozeirão lindíssimo. Ele quer ser contratado da Rádio ES'. Eu disse: 'Todo dia aparece um fenômeno aqui'. Mas eu fui lá embaixo e, de fato, o garoto cantava uma enormidade.

Você sabe quem era esse garoto?

Alternar Dutra."

O diálogo acima, entre Maurício de Oliveira e Raimundo Vieira do Espírito Santo, o Mundico, membros da comissão musical da Rádio Espírito Santo, retrata como muitos cantores, das décadas de 40 e 50, começaram suas carreiras: no rádio.

No contexto do surgimento da Rádio Espírito Santo, em 1940, o rádio era o veículo de comunicação que tinha a relação mais direta com o público. Os personagens do rádio - locutores, cantores e outros artistas - gozavam de uma popularidade comparável à dos astros da televisão atual. Segundo Maurício de Oliveira, "ter um contrato com a Rádio Nacional era como ter um contrato com a Globo. Quem não queria?".

Esses depoimentos de Maurício de Oliveira refletem o cotidiano da PRI - 9, Rádio Club do Espírito Santo. A grande popularidade dos cantores de rádio e dos programas musicais atraía jovens que apareciam frequentemente na sede da emissora para fazerem testes a fim de entrarem no seu elenco. Muitos foram reprovados, mas outros alcançaram expressão nacional - como o "garoto" Alternar Dutra, que, recomendado por Maurício de Oliveira, foi para o Rio de Janeiro e seguiu uma carreira de sucesso, sendo reconhecido como um dos maiores cantores do Brasil.

O próprio Maurício de Oliveira teve sua carreira impulsionada pelo rádio. Ele começou como violonista acompanhando seu irmão José de Oliveira. Em uma de suas apresentações, foram convidados para fazerem parte do primeiro regional da futura Rádio Espírito Santo. Eis seu relato, no registro da obra de Silva (1986):

O primeiro ensaio foi na antiga Rua Velha de Jucutuquara, (atual Rua Lizandro Nicoletti), na residência de Didi Chagas, famosa cantora da época. Lá encontramos o Luiz Noronha, o Cícero do Cavaquinho, o Sucupira, o Nelson do Pandeiro e o Claudionor do Bandolim. Saltamos, eu e o José, do bonde na pracinha, violões debaixo do braço, e fomos ensaiar com o primeiro regional da futura Rádio Espírito Santo. [...] O primeiro regional tinha a seguinte formação: Luiz Noronha e José de Oliveira aos violões, eu de cavaquinho, o Claudionor no Bandolim, Nelson ao pandeiro, Gefa na flauta e o Gentil com o clarinete - eu costumava revezar com o Cícero, ora tocando cavaquinho, ora violão. A segunda formação do regional tinha José de Oliveira, Ormy e Falcão aos violões, eu de cavaquinho ou guitarra elétrica — que começava a aparecer na época -, Carlos Poyares na flauta, Duca no contra-baixo e Dário no pandeiro, (p. 29)

Durante o tempo em que esteve nos regionais e em outros conjuntos da cidade, Maurício de Oliveira, além de acompanhar os cantores da Voz de Canaã, também foi parceiro de vários cantores nacionais que se apresentaram nos teatros Glória e Carlos Gomes. Alguns dos nomes que passaram pelo Estado foram Francisco Alves ("o Rei da Voz"), Emilinha Borba, Dalva de Oliveira, Jorge Veiga, César de Alencar, Altamiro Carrilho, Dolores Duran, Marlene, Gregório Barrios, Cauby Peixoto e Alternar Dutra. Às vezes, esses

cantores iam à Rádio para anunciar seus shows e convidar o público, que comparecia em peso.

Além de participar de conjuntos musicais, em 1940, Maurício de Oliveira e seu irmão estrearam um programa, que ia ao ar nas noites de sexta-feira: "Os Irmãos Oliveira". Todavia, o músico não era somente um artista da Rádio, sua experiência rendeu-lhe o posto de diretor musical - vale dizer que Calixte (2001) escreveu um livro sobre a trajetória de Maurício de Oliveira.

Nessa função, teve a oportunidade de avaliar os músicos que ali se apresentavam para trabalhar na Rádio ou concorrer em programas de calouros. Maurício de Oliveira relembra com carinho de pessoas que passaram pela emissora e se destacaram no cenário nacional, como Antônio João e Rose Valentim. A dupla de cantores, que já era conhecida no Espírito Santo, chegou a participar do programa *A Grande Chance*, apresentado na TV Tupi por Flávio Cavalcanti, conseguindo boas colocações.

Rose Valentim, que havia começado cantando no programa *Paraíso Infantil*, grande sucesso da Rádio Espírito Santo, mudou-se para o Rio de Janeiro após participar do concurso e seguiu carreira, tendo sido *crooner* da prestigiada Orquestra Tabajara até recentemente. Antônio João foi contratado pela TV Tupi, mas, paralelamente à carreira artística, ele trabalhou com advocacia e deixou a música para se tornar promotor no interior do Estado.

Quem também passou pela seleção de Maurício de Oliveira foi Olímpia Felício de Souza, que chegou a Vitória em 1951, vinda do interior. Ao ler o anúncio da Rádio Espírito Santo ("precisa-se de novos valores"), Olímpia de Souza resolveu se candidatar e foi aprovada pela comissão formada por Maurício de Oliveira, Mundico e Hélio Mendes. Posteriormente, ela adotou o nome de Maria Cibeli e ficou conhecida no Estado como a "Rainha do Rádio", lotando os auditórios da Rádio em suas apresentações, nas quais cantava desde samba-canção, rumba e chá-chá-chá até baião e bolero.

Segundo a Revista Capichaba, de maio de 1969, Cibeli chegou a ser a cantora oficial da Rádio, recebendo um dos mais altos salários da emissora. O jornalista Marien Calixte lembra que "Maria Cibeli era uma espécie de Emilinha Borba", considerada uma das maiores estrelas do rádio dessa época.

Entretanto, essa notável carreira foi interrompida no ano de 1955, quando Mundico faleceu em um acidente automobilístico, abalando profundamente a cantora, conforme registra Silva:

Tudo ia bem para minha carreira quando aconteceu o trágico acidente que nos levou Mundico, um dos maiores pistonistas e músicos que já tivemos. A morte do Mundico foi um golpe muito grande para toda a emissora, e mais ainda para mim, pois ele era um grande amigo e também um dos grandes incentivadores que tive, contou Maria Cibeli. (p. 43)

Anos mais tarde, Cibeli retornou à Rádio, participou e venceu alguns festivais de música no Estado, mas já não obteve mais a mesma popularidade do início de sua carreira.

Enquanto alguns cantores começaram na Rádio Espírito Santo para depois partir para uma carreira nacional, pode-se considerar que o cantor capixaba Silvio Roberto fez o caminho inverso. Silvio Roberto, cujo nome de nascimento é Josenilio Sarmiento, começou sua carreira em Cachoeira de Itapemirim, onde morava com a família. Silvio Roberto cantava em bailes da cidade. Mudou-se para o Rio de Janeiro e chegou à posição de *crooner* da Orquestra Acadêmicos do Ritmo, que lhe deu a oportunidade de cantar em muitos clubes do Rio de Janeiro. Silvio Roberto conquistou seu espaço no cenário carioca, e em certo momento de sua carreira participava de programas na Rádio Nacional e na Rádio Globo.

A volta ao Espírito Santo é contada por Silva:

Em 1946, Silvio Roberto decidiu vir a Vitória visitar seus pais, que já tinham mudado de Cachoeiro de Itapemirim. Na ocasião e justamente no primeiro sábado após sua chegada, realizou-se uma grande festa no Teatro Carlos Gomes, reunindo diversos artistas locais. O cantor comprou seu ingresso e foi ver o show. A certa altura do espetáculo descobriram Silvio Roberto na platéia e o convidaram a subir no palco para apresentar um número. O sucesso da apresentação de Silvio Roberto acabou prendendo-o a Vitória até 1948, aparecendo como um dos grandes destaques do elenco da Rádio Espírito Santo. (p. 38)

Foi nessa época que Silvio Roberto recebeu um convite para uma temporada na Argentina. O cantor aceitou a proposta e seu trabalho foi bem aceito pelo público daquele país, onde permaneceu por cinco anos.

Esses artistas eram muito queridos pelo público. "Os cantores daqui, Maria Cibeli, Rose Valentim, Antônio João e vários outros, tinham fã-clube como qualquer cantor de fora tinha. A projeção estadual deles era imensa" afirmou Delton Souza, que trabalhou na Rádio como contra-regra.

O sucesso e prestígio dos cantores também foram compartilhados pelos instrumentistas da época, que formavam grupos de grande sucesso. Maurício de Oliveira participou dos principais conjuntos da emissora, como o *Bando Tropical*, que em 1949 também contava com Dezinho, Betinho e Dazinho; os *Cancioneiros da Lua*, com Maurício e seu irmão José de Oliveira, Capuchinho, Armando Mauro e Tutuca; e o conjunto *Hélio Mendes*, formado por João de Deus, Edylio, Cícero, Betinho, Hélio Mendes, Rominho e Maurício. O conjunto Hélio Mendes ficou conhecido nacionalmente após ser premiado duas vezes no Teatro Municipal do Rio de Janeiro como Melhor Pequeno Conjunto Instrumental Brasileiro.

Apesar da popularidade desses artistas, havia um certo preconceito com a profissão de músico. Diziam ser um trabalho muito ligado à boêmia, sem compromissos profissionais. Com efeito, a profissão só foi regulamentada em 1960. Até então, os músicos, de um modo geral, não eram bem remunerados. Para completar a renda, muitos tocavam em clubes e viajavam pelo interior fazendo shows. Maurício de Oliveira nos conta: "A remuneração era baixa, e o que a gente fazia era entrar num conjunto, como eu entrei no conjunto do Hélio Mendes, e tocar em clubes, viajando o Estado todo. O conjunto Hélio Mendes foi o que mais viajou, tendo se apresentado até em outros estados, como Rio de Janeiro e Bahia".

A participação em bailes criava uma maior aproximação dos músicos e dos cantores com o público, o que aumentava a popularidade destes artistas e, conseqüentemente, da Rádio. A fama e o prestígio dos artistas faziam com que os ouvintes saíssem de casa para estar pessoalmente com seus ídolos no auditório da PRI - 9. "Havia aqueles determinados cantores que só faziam sucesso com determinado público, então esse público enchia o auditório. Aí tinha aquele cantor só de dor-de-cotovelo e as meninas iam todas para lá. E era uma choradeira! Elas choravam porque as músicas contavam exatamente a vida delas. Aqueles boleros...", declara Delton Souza, relembando a época de ouro dos programas de auditório.

Marien Calixte também fala. desta popularidade: "Os programas musicais e as novelas eram as atrações que tinham o maior poder de público. Por quê? Porque as emissoras de maior audiência do País, que eram a Rádio Nacional, a Rádio Tamoio e Rádio Tupi, se dedicavam muito à música - tanto a músicas gravadas, que tocavam em disco, quanto aos programas de auditório. Pessoas iam ao auditório como se vai hoje ao Canecão" (renomada casa de espetáculos no Rio de Janeiro).

Na Rádio Espírito Santo os programas de auditório também eram ao

vivo. Um dos que se destacou nessa época e que sempre era apresentado com auditório lotado era o *Sinfonia do Gongu*, lembrado como um dos maiores programas que a Rádio Espírito Santo já teve. E Licério Duarte Júnior quem descreve o programa que apresentou: "Acho que *Sinfonia do Gongu* estreou em 1958, era sempre no domingo à noite, um programa de calouros. Quando o calouro era ruim a gente batia o gongu. A terceira ponte leva o nome de um dos nossos calouros, Dr. Castelo Mendonça; ele ganhou o primeiro prêmio, voltou e foi contratado como locutor. O prêmio acumulava quando ninguém tirava a maior nota - cinco - e, com a concorrência, o auditório superlotava."

Embora abarrotado de espectadores, uma figura chamava atenção no meio do auditório: a de Aloir Júnior. Era ele quem batia o gongu que reprovava os desafinados. "Um anão que tinha lá na Rádio, Aloir, ficava com o gongu na mão e o candidato morria de medo de olhar para ele. O maestro levantava um pezinho e ele ia no gongu e pá!!!", contou Delton Souza.

Maurício de Oliveira lembra ainda que, "certa vez, o pessoal estava querendo pegar o anão e 'dar um pau' nele lá embaixo, porque achavam que ele não entendia de música para ficar batendo o gongu, mesmo porque o anão já estava batendo o gongu por conta própria. Eu chamei o Aloir e disse: 'presta atenção, eu tô tocando violão e ninguém tá olhando pra mim... você toca o gongu só quando eu fizer um sinal'".

Um dos inúmeros cantores que passaram pelo programa foi Mário Ramos. "Os calouros davam o nome na Rádio, ensaiavam à tarde e, à noite, o apresentador chamava, um por um, para cantar uma música. Na época só se cantavam músicas nacionais, como as de Ary Barroso e Chico Alves", afirmou Ramos.

Outra cantora que se consagrou no programa *Sinfonia do Gongu* foi Yeda Oliveira. Ela começou na Rádio ainda criança no programa *Paraíso Infantil*, de Bertino Borges, que era um programa feito para crianças e com a

participação delas. Para Yeda Oliveira, aquilo tudo era uma grande brincadeira. "A gente ficava muito feliz cantando aquelas músicas", lembra a cantora.

Mais tarde, Yeda passou a ser caloura no programa *Sinfonia do Gongo*. Tendo vencido várias vezes, foi contratada para trabalhar na Rádio. Por seu repertório trazer apenas samba e chorinho, como os sucessos de Waldir Azevedo *Brasileirinho* e *Pedacinho do céu*, Yeda Oliveira foi carinhosamente apelidada de "Estrelinha do Samba".

"Eu era, e ainda sou, muito querida por todos na Rádio. Minha vida lá era só alegria, estava sempre cantando. Quando passava cantando pelas ruas, as pessoas diziam que eu era uma grande cantora." Aos 74 anos, Yeda Oliveira ainda canta em serestas, bares e praças da cidade. Do tempo da Rádio, só lamenta nunca ter gravado um disco. Segundo Duarte Júnior, *Sinfonia do Gongo* deixou de existir em 1964.

Retomando a noção de que o rádio possuía a mesma expressão que a televisão tem nos dias atuais, nos anos 40 e 50 os jornais locais também divulgavam a programação da Rádio e faziam críticas à sua programação, como se faz hoje com a TV O jornal *Folha do Povo* trazia diariamente a coluna "Rádio" e jornal *A Gazeta* em 1940 tinha a coluna "Rádio Clube Espírito Santo", que em 1950 já era apenas "Rádio". Esta coluna trazia comentários sobre o que era veiculado na PRI - 9. No dia 11 de janeiro de 1950, apresentou a seguinte crítica:

Está sendo anunciado o reaparecimento do programa Brinca Pessoal, firmado pelos senhores Bertino Borges e Paulo Neves. Dois nomes que recomendam um 'broadcasting'. Contudo, nas vezes passadas, o Brinca Pessoal tem sido como um desfile de loucos. Barulho, barulho e de programa nada. A impressão que

temos é de que basta um curioso subir as escadas da emissora e dizer que canta para cantar. Mesmo trazendo a explicação de que é um 'programa sem craque nem estrela', mesmo assim, há de se convir que os ouvintes não têm ouvidos tão insensíveis. Vamos brincar pessoal, mas brincar de um jeito radiofônico.

Críticas como essa refletem erros e acertos de uma emissora pioneira, que teve de aprender com a prática. Uma rádio realmente aberta ao seu público e que, talvez por possuir essas características, tenha impulsionado a produção musical nessa época. "Entre 1940 e 1960, o Espírito Santo teve uma vida musical muito intensa, muito boa mesmo", destaca Maurício de Oliveira, na obra de Silva (p. 32).

Para corroborar a declaração do músico, vale citar alguns nomes que são lembrados até hoje e que surgiram nessa época, como Bento Machado Guimarães, o primeiro cantor da Rádio Clube Espírito Santo, e os tantos que o seguiram: Uma Alves, Maria Cibeli, Valquíria Brasil, Neli Rodrigues, Alba Souza, Yeda Oliveira, Silvio Roberto, Antônio João, Joel Guilherme, Rose Valentim, Didi Chagas, além dos músicos Hélio Mendes, Luiz Noronha, Mundico, Jair Amorim e Carlos Poyares, entre muitos outros que fizeram a história da PRI - 9 Rádio Club do Espírito Santo - A Voz de Canaã.



O auditório se anima quando há *Paráíso Infantil*.

Também os pais comparecem (*legenda por Renato Pacheco, 1951*)



**O violonista Maurício de liveira
acompanha a cantora Rose Valentim em
uma de suas apresentações**

Radionovelas: histórias que deixaram saudades

Helena Santos - Júlia Pregona - Marcelle Altoé

Inovação para vender

As radionovelas brilharam nas emissoras na década de ouro do rádio nacional. Em 1941, estreou na Rádio Nacional (RJ) a primeira radionovela no Brasil: "Em Busca da Felicidade", adaptado de um folhetim cubano de Leandro Blanco a pedido de uma empresa de publicitária da época, a Standard Propaganda.

O horário escolhido, o matinal, era de baixa audiência, contudo, o patrocinador criou uma estratégia para aferir a receptividade, oferecendo um brinde para quem enviasse um rótulo do creme dental Colgate. No primeiro mês chegaram 48 mil pedidos, comprovando a eficácia do novo programa. Depois disso, as radionovelas disseminaram-se pelas programações de todo o Brasil.

A primeira radionovela genuinamente brasileira foi *Fatalidade*, porém, a que teve enorme sucesso foi a inesquecível *Direito de Nascer*. Vale lembrar que o rádio era ouvido, no princípio, como se assiste à TV hoje, no centro da sala, congregando toda a família.

Tamanho foi o sucesso das radionovelas que outras emissoras do País passaram a produzir seus próprios romances. A PRI-9, A voz de Canaã também seguiu essa tendência do radioteatro mesmo sem grandes estruturas.

A grande audiência que as novelas de TV têm hoje reflete o êxito que as radionovelas tiveram. Inclusive, no surgimento da televisão, inúmeros profissionais do rádio foram contratados para preencherem e produzirem a programação.

As radionovelas perderam fôlego quando começaram as transmissões em

FM, numa concorrência direta com as emissoras AM. Com o surgimento da TV, também houve um declínio impressionante na audiência das rádios, que só se sustentaram com mudanças tecnológicas e de programação.

A "imagem" pelo som

As radionovelas começam a partir de uma criação original ou de uma adaptação. Nesta primeira fase, também se faz uma sinopse com a estruturação dos personagens através de perfis detalhados, definição dos cenários/locais onde vão se desenvolver as ações.

O roteiro é feito dentro das normas técnicas aplicadas a qualquer espécie de redação radiofônica. O essencial é que se utilize a linguagem clara, objetiva e coloquial do rádio para a construção dos diálogos ou de qualquer tipo de fala.

Quanto aos personagens, deve-se levar em conta que a expressão integral se dá praticamente apenas pelo que dizem, a forma como dizem e o ambiente (sonoro) onde dizem. Ou seja, pelos diálogos e climas de sonoplastia que caracterizam os personagens é que se consegue passar para o ouvinte o caráter, a personalidade, o tipo físico e o perfil psicológico deles.

Os cenários - que no rádio não são vistos e, sim, imaginados - são transmitidos aos ouvintes também através de falas (narrações ou explicações de personagens), mas principalmente pelos efeitos sonoros e musicais.

O ritmo, através da duração das cenas, da troca de ambientes e dos próprios diálogos, também é um dos principais recursos para provocar o ouvinte a criar a sua "imagem auditiva" e compreender a mensagem.

Radionovela "Revivendo os bons tempos"

Por meio de entrevistas, foi possível reunir informações sobre como funcionava o setor de radioteatro da PRI — 9.

O roteiro da "radionovela" a seguir foi montado com base no depoimentos dos personagens da vida real, atores que vivenciaram a história da radionovela da PRI-9, A Voz de Canaã. Eles relatam suas saudosa lembranças da época de ouro do rádio. Qualquer nome ou semelhança com os personagens da história **não** é mera coincidência.

Perfil dos personagens:

ARLETTE CYPRESTE DE CYPRESTE

Casada com seu próprio primo, Arlette é emotiva, romântica e moderna. Graduada em Educação Física, teve a sua formação primária e secundária no Colégio do Carmo, onde adquiriu educação religiosa. É jornalista e escritora.

ÉLCIO ÁLVARES

Sonoplasta e integrante do Departamento de Radiojornalismo. Popularizado pelo rádio, mais tarde seguiu a carreira política. Exercendo a função de sonoplasta e posteriormente de jornalista, Elcio nunca imaginou que alcançaria um dia altos cargos políticos.

GERSON CAMATA

Natural da cidade de Venda Nova do Imigrante, interior do Espírito Santo, Gerson, 73 anos, é brincalhão e extrovertido. Conquistou a estima do público através de seus programas que tratavam de assuntos policiais e esportivos. Participou como "quebra-galhos" em várias radionovelas e também se tornou um conceituado político.

MARIEN CALIXTE

Com 68 anos de idade, Marien passou a infância ouvindo as novelas da Rádio Nacional. Na Rádio Espírito Santo, Calixte iniciou sua carreira como radioator

e participou de outros projetos radiofônicos. Um deles é o programa "O Som do Jazz", há 45 anos no ar.

ATO I

RADIONOVELA: "REVIVENDO OS BONS TEMPOS"

REDATORAS: HELENA SANTOS, JULIA FREGONA E MARCELLE ALTOÉ.

PATROCINADOR: GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

DIA: 06 DE JULHO DE 2004.

XX

LOCUTOR: Vai a Rádio Espírito Santo, emissora PRI-9 de Vitória, dar início à radionovela *Revivendo os Bons tempos*, hoje dedicada ao nosso público ouvinte.

TÉCNICA: (Toque de telefone) ÉLCIO:

Alô...

GERSON: Ei, Élcio, aqui é o Gerson. Queria te convidar para vir aqui em casa. Estamos todos reunidos relembando os velhos tempos da Rádio Espírito Santo.

ÉLCIO: Claro que vou, estou morrendo de saudades do pessoal! Estou aí daqui a vinte minutos.

TÉCNICA: (Barulho de campainha e de porta se abrindo)

ÉLCIO: Arlette! Marien! Gerson! Quanto tempo!

ARLETTE: Até que enfim conseguimos reunir parte do pessoal! Eu tenho muitas saudades dos tempos em que escrevia para a nossa querida "Voz de Canaã".

GERSON: Coloca uma música aí pra gente, Élcio!

ÉLCIO: Como assim? Você é o dono da casa! MARIEN:

Ora, mas você que foi o sonoplasta, não é?

ÉLCIO: Bem, é verdade. Só um minutinho... Nossa, como é simples esse negócio de CD. No tempo na PRI-9, era tudo na base do improviso.

GERSON: É mesmo... Para fazer som de fogo vocês usavam folha de papel. Trovão era direto na folha de alumínio...

ARLETTE: E os cascos dos cavalos?

ÉLCIO: Estes eram feitos com duas cascas de coco. Se fosse uma marcha lenta a gente batia as cascas mais devagar. Agora, se fosse um galope mais rápido, aceleravam-se as batidas. Era interessante, mas dificultava muito a nossa vida. Acho que foi por isso que a chegada do LP com diversos sons me marcou muito. Tinha barulho de tudo! Gato miando, cachorro latindo, porta abrindo... Facilitou bastante a vida do sonoplasta. A gente só pensava em usar a novidade. O conteúdo do enredo ficava em segundo plano para a técnica se divertir com os sons. Achávamos sempre um jeito de utilizar algum barulho do LR. Se quiséssemos botar um apito de trem, aparecia no roteiro: "fulana pegou um trem!" A única coisa difícil era achar a faixa...

GERSON: Hehe... Lembro uma vez que a história pedia o som de um tiro e saiu uma porta abrindo!

ÉLCIO: É por essas e outras que eu arranjei uma técnica especial: eu acompanhava o *script* e mantinha, de antemão, meu dedo segurando a agulha na faixa certa. Ei, pessoal, já escolhi o CD que vamos ouvir... E aí, o que acharam?

TÉCNICA: (música ambiente)

MARIEN: Essa música é muito boa... Se eu não me engano, ela fazia parte da trilha sonora daquele programa feminino... Ah, D. Arlette, não era a senhora quem apresentava?

ARLETTE: Sim, meu filho. Esse foi o meu primeiro programa na Rádio Espírito RD Santo. O nome era "Mulher e Perfume". Um programa tão bonito... Era uma grande novidade para a época, um espaço especificamente voltado para o público feminino. Lembro de uma vez que entrevistei uma escritora muito famosa. Ela era do Rio de Janeiro e defendia o divórcio com veemência. Apesar de ter sido criada numa rígida educação religiosa, eu concordava com as idéias dela.

ÉLCIO: Suas idéias não eram um pouquinho avançadas demais para a época, D. Arlette? Lembro-me que a senhora foi uma das primeiras mulheres a entrar na Rádio...

ARLETTE: Sim, é verdade. Fui uma mulher que não se submeteu aos tabus que existiam na época. Escrevi colunas para diversos jornais, entrevistei muitas pessoas interessantes e trabalhei no rádio. Não me arrependo de nada, apenas fazia o que eu mais gostava.

ÉLCIO: Mas as pessoas não estranhavam esse tipo de conversa? Falar de "desquite" na Rádio devia ser uma ousadia!

ARLETTE: Ah, sim! Teve uma vez que eu estava saindo da Rádio e fui abordada por um senhor que tinha ouvido a entrevista. Ele falou: "Muito bonito, hein! Muito me admira ouvir você falando essas coisas. Você não puxou em nada sua mãe!"

MARIEN: A Rádio era mesmo uma coisa que chamava a atenção das pessoas. Lembro que tinha uma pessoa só para atender as ligações dos ouvintes das

radionovelas. Eles queriam saber de tudo: o enredo, o final da história e ainda reclamavam de episódios que não gostavam! Formavam filas lá fora para conhecer os atores. O Hércio Leão Borges, por exemplo, era o mais cobiçado pelas fãs. Também não é para menos, ele tinha uma voz belíssima!

GERSON: Sinto uma pitada de inveja no ar...

MARIEN: Mais respeito, rapaz. Cada um tem seu lugar. E o Leão Borges realmente fazia a cabeça das meninas. Pra você ter uma idéia, as fãs faziam loucuras para apenas se sentar ao lado dele e bater um papinho.

ÉLCIO: Lembro-ine também de um radioator chamado Hermínio Blackman, com o seu terno e gravata sempre impecáveis. Ele era um excelente professor de português, negro e que com muito custo conseguiu conquistar seu lugar na Rádio. Sabem como é, né? Naquela época, era ainda mais complicado um negro fazer sucesso.

ARLETTE: Hermínio merece todo o nosso respeito e admiração. É lastimável ele não estar mais entre nós.

MARIEN: Pena que a minha memória não me permite lembrar de todos que I fizeram parte das radionovelas. Também não é para menos, ao todo, cerca de j 40 pessoas compunham o setor. Mas ainda consigo me lembrar do casal mais importante da radionovela: Jair Rodrigues Gobbi, nosso diretor de técnica, e j da Therezinha Gobbi, nossa inesquecível radioatriz.

GERSON: Algumas pessoas se tornam inesquecíveis mesmo. Alguns pelo sucesso que conquistaram, outros pelas gafes que cometiam. O Sr. Noronha e a Maria Cibeli ficaram marcados na minha memória por causa de uma história muito engraçada que vivenciei: estavam ao vivo, interpretando uma cena de uma radionovela. O *scrípt* dizia que a Cibeli entraria na sala, sentiria

um cheiro de papel queimado e diria: "Hum! Que cheiro de papel queimado!"
Acontece que na hora, o Sr. Noronha rasgou o papel ao invés de queimá-lo e a Maria Cibeli no impulso gritou: "Hum! Que cheiro de papel rasgado!".
Ninguém ficou sem rir!

MARIEN: Outra engraçada aconteceu com Délio Neves Rocha. Délio estava estreando como radioator. Por um momento, ele se perdeu no *scrípt* e quando chegou a sua vez de falar, ficou mudo. Ficou um buraco no ar e esse vazio no rádio é horrível. Tentamos ajudá-lo apontando no texto a fala dele, mas mesmo assim Délio se esqueceu que o microfone estava aberto e falou no ar; "Eu me esqueci". Sorte a nossa que Hélio Leão, bem mais experiente, estava contracenando com ele e improvisou uma deixa para ele retomar o texto.

ELCIO: Os atores eram mesmos geniais, improvisavam quando era preciso e se viravam para não deixar a história sem sentido. Só que não podemos nos esquecer também dos escritores... Eles criavam enredos fascinantes e adaptações maravilhosas.

GERSON: Por falar nisso, esqueci completamente de chamar o Jair Buzina, um escritor de primeira categoria. Suas novelas eram grandiosas. E a senhora, D. Arlette, também escreveu novelas maravilhosas... Como era mesmo o nome?

ARLETTE: A primeira radionovela que eu escrevi foi *A Vida de Anita Garibaldi!* Ficou seis meses no ar e era apresentada sempre às terças, quintas e aos sábados, às nove e meia da noite. Eu adoro a história de Anita. Estudei toda a sua vida, seus caminhos, para escrever a radionovela. O elenco contava com sete atores e cada episódio levava uma hora. Foi um grande sucesso da época! Os jornais A Gazeta, A Tribuna e até o Diário Oficial noticiaram. A novela

foi bem-aceita e eu me animei. Lembro que Solon Borges no papel de Garibaldi era espetacular...

MARIEN: Solon, irmão do Hugo Borges, diretor da Rádio naquela época?

ARLETTE: Ele mesmo.

ÉLCIO: Tem uma coisa que eu sempre quis saber... Como a senhora começou a trabalhar na PRI-9, D. Arlette?

ARLETTE: Ah, eu fui chamada no Palácio Anchieta por José Sette. Então o governador disse: "Arlette, Hugo Borges teve aqui e tá precisando de uma moça que escreva programas femininos". Então, eu aceitei. Eu já escrevia nos jornais. Foi um desafio, já que o estilo de escrita de rádio é completamente diferente de jornal.

GERSON: O mais interessante é que naquela época também haviam radionovelas voltadas para o público infantil. Lembram? Era sempre às quatro horas da tarde. Hoje em dia não existe mais isso...

ÉLCIO: Também não se encontram mais os grandes profissionais em toda esquina! José Américo Vidigal, por exemplo, estava sempre ao nosso lado. Até ser convidado pela BBC de Londres para ser locutor oficial...

MARIEN: Lembro-me de José Américo daquela novela que fiz: *O Manto Sagrado*. Aquela que o autor era do Rio de Janeiro. Aliás, pouca gente sabe que algumas novelas que passávamos na nossa programação vinham direto do Rio de Janeiro. As mesmas que passavam na Rádio Nacional, emissora pioneira nas radionovelas.

GERSON: Ah... e como eram escolhidos os radioatores?

ARLETTE: Nós fazíamos testes para formar a equipe. E os contratados da rádio tinham um ordenado mensal. Era pouco, mas a gente ganhava...

ÉLCIO: Conta mais uma de suas histórias, D. Arlette! A narração das novelas me faz lembrar daquele tempo.

ARLETTE: A segunda novela de minha autoria foi *A Vida de Santa Rita de Cássia*. Tudo começou por causa da grande amizade que os padres tinham com minha família. Um deles, frei Pedro Sanchez, um espanhol, veio em minha casa, como sempre fazia. Ele me emprestou um livro da vida da Santa Rita e eu li. A pedido dos padres, adaptei para a linguagem de radionovela.

ÉLCIO: Não teve uma terceira novela?

ARLETTE: Teve sim, a *Diversos Caminhos*. Eu analisava a vida "do rico", "do classe média" e "do pobre". Essa foi a menor novela que escrevi. Ficou somente quatro meses no ar.

GERSON: Mas você também tem jeito com as palavras, não é Élcio?

MARIEN: Oh, sim! Sua adaptação de *Jeca Tatu* ficou para a história!

ÉLCIO: Ora, mas esse já é um clássico da literatura de Monteiro Lobato. A conquista foi que o laboratório que patrocinava Monteiro Lobato, na época, patrocinou também a adaptação capixaba. Na época, o *Jeca Tatu* era muito divulgado através dos livros que o laboratório editava. Aí eu aproveitei, fiz uma adaptação, mandamos pra lá e foi um sucesso. Mas na execução, eu só ajudava como sonoplasta. A bem da verdade todo mundo era quebra galhos. Houve um diretor que se entusiasmou muito pelo radioteatro, o Colares Júnior. Depois o departamento começou a minguar por que não houve o apoio financeiro necessário. As publicidades maiores ficavam com os programas de auditório. Esses sim, davam um dinheirão. Todo mundo faturava, menos a radionovela. Mas a minha participação nas novelas foi mais na parte técnica.

GERSON: Não diminua o valor da sua função! O sonoplasta era a figura mais importante quando acontecia um erro. Hahahahah!

ARLETTE: Não aconteciam erros!

ÉLCIO: Como não, D. Arlette? Quantas gafes não aconteceram e o Zé de Almeida cobriu? De vez em quando os atores se perdiam, tinham uma crise de riso - o que era natural - e o Almeida subia uma música bonita para ninguém perceber. A música era pra disfarçar até o ator se recompor, a chamada cortina musical.

MARIEN: Apesar das gafes que aconteciam, os programas musicais e as radionovelas tinham o maior poder de público, porque as emissoras de maior audiência no País se dedicavam muito a essas formas de entretenimento. O radioteatro, naquela época, tinha uma força como as novelas de televisão têm hoje. Era o domínio da informação.

ÉLCIO: É verdade, tínhamos mesmo uma grande audiência. Recebíamos cartas até da África. Eram através dessas correspondências que medíamos o nosso ibope.

GERSON: Não entendo porque as radionovelas praticamente desapareceram nos dias de hoje. Elas eram programas de entretenimento e ainda ajudavam a difundir a cultura pelo Espírito Santo, pois abordavam temas importantes. Lembro muito de uma adaptação que foi feita para radionovela sobre a história de Maria Ortiz. Passava todos os dias, às oito horas da noite e durava uma hora. Era um sucesso. Naquela época, o rádio ficava na sala das casas e quando as pessoas ouviam a chamada da novela, corriam para ouvir.

ÉLCIO: Além da história da Maria Ortiz, houve também as adaptações das da vida de Domingos Martins e do Padre Anchieta. Realmente as radionovelas

marcaram a vida dos capixabas.

ARLETTE: Isso é verdade. Tanto é que recentemente eu recebi uma homenagem, na inauguração do Teatro Universitário, de alunos da Ufes, quando fizeram uma releitura do texto de Anita Garibaldi. Me emocionei muito! Principalmente com a perfeição que foi reproduzido o tropel dos cavalos. Chorei muito.

MARIEN: Apresentar o texto hoje é bem mais fácil que naquela época. Interpretávamos em um estúdio na Rádio. Era uma sala pequena, com um microfone pregado no teto, o chamado girafa. O mais difícil é que só havia um microfone e todos tinham que se virar para que a sua fala saísse clara e no tempo correto, já que sempre havia alguém ocupando o microfone antes da pessoa. Até mesmo o locutor comercial trabalhava com a gente, na hora que ocorria o intervalo, ele anunciava o patrocinador e saía para ceder lugar para quem fosse ler o texto. Uma confusão só!

ARLETTE: É gostoso saber que fizemos parte da história do nosso Estado. Que participamos da vida de tanta gente e que contribuímos para a formação de cidadãos mais conscientes.

MARIEN: Sinto-me realizado por ter participado de todo esse processo.

Antigamente as novelas tinham um conteúdo, uma forma de acrescentar algo à vida dos ouvintes. Havia pouco apelo. As novelas de televisão que passam hoje são um exemplo de prostituição da sociedade. Sinto-me orgulhoso por não ter contribuído com isso.

GERSON: O mais importante é que conseguimos realizar grandes projetos, adentrar tantos lares e com pouquíssima verba para isso. Trabalhamos com comunicação pelo prazer que isso nos dava e não pelo prestígio e pelo

dinheiro que recebíamos. E uma pena que todo o valor que o rádio tinha naquela época tenha sido esquecido. A televisão roubou todas as atenções e o que o rádio ofereceu à população se tornou apenas passado.

ELCIO: E, realmente foi uma fase romântica e assim se desenvolveu a radionovela da Rádio Espírito Santo. Pena que se perdeu.

E, agora, as informações da nossa equipe de jornalismo

Elaine Vieira - Roger Santana - Suen de Andrade - Tiago Zanoli

Amadorismo, dificuldade e romantismo são palavras que marcam o desenvolvimento do jornalismo na Rádio Espírito Santo desde sua criação, em meados dos anos 30, até 1964. Confirmando a evolução do próprio exercício jornalístico como um todo, inicialmente a programação desse setor limitava-se a pequenas inserções de notícias sobre mortes, nascimentos, festividades e alguns flashes, quando um evento muito importante acontecia. "A Rádio veiculou notícias desde o início. Ela era essencialmente jornalística. A partir do momento em que nós anunciávamos uma data de aniversário, já estávamos fazendo notícia. Havia uma coluna específica para aniversariantes, podia ser um político ou um comerciante, por exemplo", conta Elcio Alvares, ex-repórter da Rádio.

Nessa época, um jornalista não precisava de curso ou registro para trabalhar. Bastava demonstrar interesse em escrever e a equipe de produção dava uma pauta a ser cumprida. Se fosse aprovado, o candidato recebia um documento, que não era o registro profissional, mas uma representação, até se tornar um empregado da Rádio. "Naquela época, exigiam-se duas coisas: uma voz forte e saber português, porque se você errasse, no outro dia o jornal caía em cima", explica Licério Duarte Júnior, ex-locutor da Rádio. Logo, os profissionais que atuavam na Rádio não eram especializados, podiam ser advogados, bacharéis, pessoas indicadas por políticos influentes ou técnicos.

Além disso, havia muitas dificuldades estruturais, como a sobrecarga trabalho dos repórteres, responsáveis por todas as etapas da produção de notícia (da pauta à edição) sem poder contar com o apoio da instituição, sem

direitos trabalhistas e sem carga horária definida. Esse modelo imprimia um caráter heróico, apaixonado ao "profissional", que ainda tinha de ser coerente com a proposta do Governo, sem receber incentivos e assistindo ao sucateamento da emissora.

"Não havia uma divisão de tarefas como acontece hoje nas grandes redações. Diante da precariedade de recursos, éramos todos 'quebra-galhos', polivalentes. Fazíamos reportagem, redação, locução, qualquer coisa. Não exigiam uma boa voz para apresentar, pois a notícia era mais importante", relembra Élcio Álvares. Havia uma pessoa responsável pelo jornalismo da Rádio Espírito Santo e às vezes apareciam pessoas querendo divulgar algumas notas, pedindo favores. Não existia especificamente uma redação

de jornal, as equipes trabalhavam juntas dividindo o mesmo espaço numa sala em comum. Era uma coletividade e todos estavam integrados aos diversos setores da Rádio.

Desde o início, a Rádio baseava sua programação no entretenimento. Com a estatização definitiva, ocorrida em 1949, no primeiro governo de Carlos Lindenberg, a então chamada PRI-9 ganhou novos investimentos em equipamentos e sofreu mudanças em sua programação. Com maior abrangência, principalmente no norte do Estado, passou a variar os programas apresentados e começou a contar com a intensa participação da população que ia à sua sede, no Centro de Vitória, para acompanhar as atividades. A Rádio também exerceu um importante papel como prestadora de serviços.

As informações vinham do interior do Estado por telefone. Às vezes, repórteres de Vitória iam para lá ou contavam com a ajuda de "correspondentes" ou de pessoas interessadas em contribuir com alguma informação. Além disso, a população de Vitória na época era pequena, o que facilitava o processo de apuração.

Antes de se tornar uma rádio oficial, eram feitas transmissões de

comícios. Depois, era permitido apenas dar notas e transmitir a apuração dos votos nas eleições. Passou-se a veicular o noticiário oficial do Estado. Toda a propaganda institucional do Governo era em forma de notícias. Eram estabelecidos acordos entre a Rádio e o Governo, que encaminhava notas institucionais, veiculadas pela Rádio Espírito Santo, que nunca criticava suas ações. Às vezes, algumas reclamações da população iam ao ar, como a existência de buracos em determinada estrada, mas sempre informando que o Governo havia tomado as devidas providências. Renato Pacheco (1951) conta que havia um jornal com notícias do Governo diariamente às 19 horas.

No início, recebia-se muita informação das agências de notícia, como a Reuters, a ASA Press ou a France Press - esta última, com muita credibilidade à época. Na Rádio, havia um telegrafista especializado apenas para receber as notícias dessas agências internacionais, que chegavam em Código Morse. Existia ainda um profissional responsável por captar o sinal de outras rádios no Brasil e no mundo, coletando notícias. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), do Governo Getúlio Vargas, também encaminhava pacotes com notícias oficiais. Ainda segundo Pacheco, havia duas edições de Jornal Falado, com notícias "da cidade, do Brasil e do mundo".

Durante a Segunda Guerra Mundial, as notícias chegavam à Rádio pelas agências internacionais e principalmente pelo serviço informativo norte-americano, por meio da embaixada no Rio de Janeiro. Os americanos tinham maior poder econômico e comandavam os noticiários, evidentemente favoráveis aos Aliados, tratando os inimigos do Eixo (alemães, italianos e japoneses) como a personificação do mal. Isso repercutiu de uma maneira ruim no Espírito Santo, atingindo diretamente um grande contingente de imigrantes e descendentes de italianos e alemães. Nesse período, houve prisões, quebra-quebra e saques em estabelecimentos comerciais.

Em 1954, a Rádio Espírito Santo passou por sérios problemas internos.

Era a maior rádio que existia no Estado e líder de audiência, mas ainda guardava muitas características da emissora do passado, que já não eram mais tão coerentes com a importância que o veículo tinha na década de 50. Não havia televisão - que só chegou ao Espírito Santo em 1961 — e a emissora de rádio mais importante do País era a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Djalma Juarez Magalhães foi nomeado diretor geral da Rádio Espírito Santo, assumindo a função em 1º de janeiro de 1955. "O meu primeiro trabalho foi introduzir o espírito profissional, que não havia. O radioteatro que existia aqui era muito bom, mas podia ser melhor aproveitado. Procurei aplicar na Rádio o conhecimento e a experiência que adquiri quando estive no Rio de Janeiro", explica. A parte técnica era deficiente. Havia um cabo que levava o sinal da emissora até a Reta da Penha, onde ficava o transmissor, mas como faltava energia elétrica com frequência, a estação saía do ar sempre. De acordo com Djalma Magalhães, as dificuldades eram muito grandes e não havia profissionalismo, cada um fazia o que achava bom para si mesmo, dentro dos seus horários, produzindo sem compromisso o que bem entendiam.

A Rádio Espírito Santo tinha sua própria equipe de reportagem. Os repórteres sentavam-se à máquina de escrever e redigiam o que tinham nas mãos, podendo ser a inauguração de uma loja no Centro da Cidade ou um acidente de automóvel nas Cinco Pontes. Nesse momento surgiu um programa especializado em notícias policiais, pois havia um repórter nas ruas encarregado de coletar esse tipo de informação. *Na Polícia e Nas Ruas*, criado entre 1954 e 1955, foi o primeiro programa policial e tinha uma grande audiência no Estado, chegando a reunir multidões na entrada da Rádio, sendo necessário às vezes contar com ajuda policial para controlar o tumulto. De acordo com o jornalista Marien Calixte, repórter da Rádio na época, muitos ouvintes iam para prestar queixa ou retificar notícias, outros para anunciar o desaparecimento de algum parente ou reclamar de algum vizinho que

incomodava.

Esse programa era produzido pelo redator José Luiz Holzmeister, que tinha um modo peculiar, curioso e, às vezes, jocoso para apresentar um programa de polícia. Para Djalma Juarez Magalhães, *Na Polícia e Nas Ruas* cobria exatamente aquilo que se esperava de um programa com esse formato, apresentando sempre as razões daqueles que trabalhavam na polícia. "O José Luiz era um pouco humorista e inventava coisas para ganhar a audiência. Por exemplo, o Hugo Borges, baixinho, tinha um carro enorme e quando vinha dirigindo, só dava para ver seu topete. Aí, o José Luiz inventou que era o carro fantasma que rodava pela cidade. Isso deu um rebuliço danado em Vitória. O programa levantava temas desse tipo, como 'a casa mal assombrada' e por aí vai. Os ouvintes acreditavam e faziam fila para ver os misteriosos acontecimentos. Era um programa bem sensacionalista, mas que também apresentava o noticiário diário da chefatura de polícia com todos os casos que aconteciam na época. Mas o José Luiz apenas redigia, não existia um locutor fixo e muita gente passou pelo programa", conta.

Houve ainda alguns momentos de improvisação na história do jornalismo da Rádio Espírito Santo, quando um redator, por exemplo, recortava alguma notícia de A Tribuna ou A Gazeta para ler na íntegra durante a programação. Ou ainda quando, na falta de informações, chegava-se a inventar algumas notícias. Foi o que aconteceu na cobertura da gripe asiática no Estado. Ex-jornalista da Rádio, Adam Emil Czartoryski contou que o vírus ainda estava no Rio de Janeiro quando foi noticiado, falsamente, que um navio vindo da Ásia estava ancorado no Porto de Vitória e que os marinheiros tinham passado a gripe para algumas prostitutas que atuavam em uma casa, no bairro de Caratoíra. A notícia teve tanta repercussão que o chefe do departamento de Saúde da época foi demitido, acreditando-se que ele não havia tomando nenhuma providência com a chegada da doença no Estado. "Por coincidência,

mais tarde, começaram a aparecer casos e, como nós tínhamos feito essa matéria, o Estado começou a tomar providências. Teve um lado positivo e fizemos umas das nossas principais coberturas da época", explicou Czartoryski.

No jornalismo destacou-se também o *Comandos 1-9*, com flashes de notícias durante toda a programação, que chegou a ter externas, com links feitos por telefone, sobre esportes, polícia e generalidades.

Aos feriados, a Rádio não funcionava. No carnaval, por exemplo, fechava na sexta e só reabria na Quarta-feira de Cinzas. Djalma Juarez conta que criou o setor de jornalismo na Rádio, principalmente para cobrir esse espaço. Assim, durante o carnaval de 1955, uma equipe foi às ruas e clubes transmitir os eventos. Na época, isso causou impacto em Vitória, pois a população ouvia as transmissões e saía de suas casas para ver de perto o que acontecia. Portanto, a Rádio Espírito Santo foi a primeira no Estado a fazer transmissão ao vivo, diretamente de rua. Entretanto, a programação artística ainda era o carro chefe da Rádio, com suas radionovelas e programas de auditório.

Djalma Juarez diz que reuniu o pessoal com a promessa de fazer o melhor. O que a equipe não soubesse, ele faria. Escrever, por exemplo, já que não estavam acostumados. Para se ter uma idéia da falta de profissionalismo, ao chegar na redação a notícia da queda de um avião em Goiabeiras, deveria-se dizer que "os bombeiros estão indo para o local", na hora de transmitir, porém, o locutor dizia que "os 'bombardeiros' estão indo para o local", relata.

"Houve uma ocasião em que contratei o jornalista Gerson Loureiro, um maluco que trabalhou para A Tribuna. Ele ia datilografando, batendo, batendo e, quando chegava no fim do papel, continuava escrevendo no rolo da máquina. Quando o locutor lia o texto no ar, a frase terminava e ninguém mais sabia o que era, isso ao vivo! Aí tive que dispensá-lo, senão desmoralizaria o

setor", lembra Djalma Magalhães.

Havia transmissões ao vivo, inicialmente feitas por telefone, ou com a improvisação de um transmissor, depois a aparelhagem se tornou mais moderna, facilitando as comunicações. Havia também, sob responsabilidade de Cícero Dantas, um carro para a transmissão que auxiliava nas reportagens.

A Rádio Espírito Santo também transmitiu jogos de futebol diretamente do Rio de Janeiro, com Darly Santos e Licério Duarte Júnior, além de grandes eventos como a inauguração do Maracanã e o Congresso Eucarístico Internacional. "Ninguém conseguiu uma cabine a não ser as rádios do Rio de Janeiro e as mais importantes de São Paulo. O bispo Dom Távora foi quem distribuiu as cabines e como éramos amigos, pois trabalhamos juntos na Juventude Operária Católica, a Rádio Espírito Santo conseguiu uma cabine de transmissão ao lado da Rádio Globo, da Rádio Jornal do Brasil e da Rádio Nacional. Isso foi muito importante, teve uma grande repercussão. A Rádio perdia cada vez mais aquele caráter bucólico que vivia aqui, restrita ao Estado e se tornava uma rádio poderosa", relembra Djalma Magalhães.

Quando o presidente Juscelino Kubitschek veio a Vitória, em 1960, a Rádio Espírito Santo transmitiu direto das ruas. O carro presidencial vinha devagar por causa das pessoas nas calçadas, que foram prestar homenagens, e isso facilitou o trabalho. Naquela época, a Rádio conseguia fazer o que nenhuma outra emissora local fazia.

A primeira fase do jornalismo na Rádio contou com a coordenação de Adam Emil Czartoryski, que já atuava no jornalismo impresso e ficou responsável pela edição das reportagens da Rádio Espírito Santo.

O período de 1959 a 1963 foi o mais intenso para a produção de noticiário da Rádio. Contudo, uma grave crise durante o governo Francisco Lacerda de Aguiar, a partir de 1962, deixou os funcionários sem receber seus salários durante nove meses, desacelerando a tímida produção que se iniciava.

A falta de estímulo, somada à venda de espaços para as igrejas (evangélicas e Católica) e à constante troca de superintendentes, acabou restringindo, a partir de 1960, as atividades na Rádio, reduzindo a grande de programação. Em seguida, com o período da ditadura militar, a censura tornou-se ainda mais intensa sobre os programas e a veiculação de notícias. Esse contexto levou à estagnação do desenvolvimento e uma produção jornalística baseada, além das notícias oficiais e de agências internacionais, no colunismo, na prestação de serviços e na cobertura policial. Resta a memória dos personagens, das peculiaridades e das emoções que influenciaram esse período da história da Rádio Espírito Santo, um recorte do cotidiano capixaba.



**O "transmissor-volante": veículo usado pela equipe de reportagem
na cobertura de rua, nos anos 50**

Rádio Esporte Clube Espírito Santo, PRI-9

Camilo Hemerly - Luciano Coelho

Bastava um aparelho de rádio, sintonizado no prefixo PRI-9, frequência 1350 kHz, Rádio Club do Espírito Santo. Nessa estação o esporte tinha sua cadeira cativa. Além de muitos nomes importantes do jornalismo esportivo capixaba, que surgiam naqueles anos, transmitia e produzia as mais distintas emoções nos ouvintes.

Como pioneira neste gênero no Estado, a Rádio tinha um programa especializado, o *Focalizando os Desportos*, e transmitia as grandes pelepas e outras competições, ao vivo, de futebol, basquete e remo.

Na década da maior guerra da idade contemporânea, o esporte na Rádio Espírito Santo dava seus primeiros passos e abrolhavam algumas alcunhas. Gilberto Siqueira, ou *Betinho Chocolate*, como era conhecido, aparecia nesse contexto para abrilhantar a programação esportiva. Chocolate foi um dos precursores na transmissão de programas esportivos no prefixo PRI-9. Contudo, o pioneirismo de Betinho não pôde superar o brilhantismo de uma dupla "da pesada", que surgiria na rádio nos idos dos anos 40.

Dois baluartes do jornalismo capixaba começavam ali suas carreiras radiofônicas. Ora nas transmissões ao vivo das competições esportivas, ora no comando do *Focalizando os Desportos*, Licério Duarte Júnior, ou apenas, Duarte Jr., e Darly Santos, que usava o pseudônimo Mickey, formaram uma parceria histórica. Uma dupla que até hoje é lembrada, com todo saudosismo, por quem com eles trabalhou, por quem era seu ouvinte, ou mesmo por aqueles que só ouvem falar de suas histórias.

A grande parceria do rádio esportivo: Mickey e Duarte Jr.

Duarte Jr. e Mickey não tinham apenas afinidades jornalísticas com os esportes. Os dois foram grandes jogadores do Futebol Clube Vitória. Darly foi um astro da seleção capixaba por muito tempo.

O futebol, porém, era tratado com grande amorismo naquela época, o que desviou a atenção deles para fora das quatro linhas, mas ainda assim dentro do estádio. Ambos tornaram-se narradores e comentaristas esportivos. Surgido no início do século passado, esse esporte já era nos tempos da 2ª Guerra, o mais popular do País.

Darly Santos distribuía seu tempo entre os estúdios e a coluna *Binóculos*, que escrevia em A Gazeta, sob o pseudônimo de Mickey, o mesmo que utilizava no rádio. Aliás, este apelido, de acordo com Maria Luísa Coutinho, segunda esposa de Darly Santos, surgiu ainda nos tempos de juventude. Chegada a idade de servir ao Exército Brasileiro, ele se viu na iminência de ter de abrir mão da carreira de jogador. Para que isso não acontecesse, amigos seus, conhecidos do oficial comandante do Batalhão de Infantaria na época, pleitearam junto a este que Darly fosse liberado do serviço militar. O comandante recusou a idéia inicialmente, mas acabou cedendo aos apelos dos amigos do jovem jogador, mediante uma condição: Darly não poderia mais se identificar publicamente por seu nome verdadeiro, no período em que estaria servindo o exército. Deveria utilizar um outro nome ou pseudônimo. Nascia assim o Mickey.

Nas transmissões ao vivo, a dupla dividia o campo e os microfones. A virtuosa parceria apresentava uma tática bem diferente de narração: dois narradores no mesmo jogo. Cada um com uma metade de campo. Método usado posteriormente pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a mais importante da época. Duarte Jr. achava que essa modalidade de narração

"cansava menos e acompanhava mais".

A veia jornalística dos craques da locução extrapolava os estúdios, microfones e as cabines. Os trechos, a seguir, de uma conversa entre os dois foram retirados do Diário do Povo, um periódico do começo dos anos 50. Eles revelam a criatividade e a elegância sempre presentes no trabalho dos dois. O jogo em questão é entre a seleção capixaba e a mineira.

Duarte Jr. *"(...) O público espírito-santense estourou de incontida alegria. Os modestos capixabas, jogadores sem pretensões a grandes conquistas, haviam derrotado os célebres mineiros, em uma partida que não deixava dúvidas quanto a sua lisura e honestidade. Haviam caído por terra os mineiros, ante uma exibição convincente dos capixabas, que foram mais senhores do campo, praticando um futebol, além de vistoso, cheio de vida e vigor. O campo foi invadido, jogadores choravam, e senhores, senhoras e crianças pulavam com um contentamento incomum em nossos campos"*

Mickey *"João Etzel, juiz da peleja, manda que os quadros agora disputem a prorrogação, para a decisão final. Atacam com vigor os capixabas e Darly dá o primeiro chute, que passa raspando as traves. A assistência ficou em suspenso. Vão os mineiros ao ataque e Ismael, em um lance duvidoso, passa de cabeça para Lucas que conquista o tento mineiro. Duvidoso o lance, porque o bandeirinha dirige-se ao árbitro, dizendo que a bola havia saído pela linha de fundo, estabelece-se a confusão. João Etzel, fraquejando, discute com jogadores, dando a impressão de que voltaria atrás da sua decisão inicial. Não podemos constatar a veracidade ou não da informação do bandeirinha, mas se João Etzel voltasse atrás estaria errando mais ainda. Havíamos sido prejudicados mas se tivéssemos que lutar pela invalidação do tento já assinalado pelo juiz "*

Duarte Jr. *"Finalmente, depois de muito "bate-boca", os quadros voltam a campo. Continuam os capixabas insistindo pela conquista da vitória, e, já pelas tantas, um pênalti é assinalado a favor dos capixabas. Bate Marmorato e a bola passa por cima do travessão, Um acontecimento que nos fez até derramar lágrimas. Não era possível tão pouca sorte. Infelizmente isso aconteceu, roubando-nos a má sorte a última oportunidade de conquistar uma vitória que deveria, justiceiramente, nos pertencer. No entretanto estava traçado que seríamos desclassificados, e assim aconteceu, indo os mineiros para o Rio enfrentar os maranhenses, quando os espírito-santenses é que deviam viajar"*

Mickey *"No entretanto guardemos em nossos pensamentos e em nossos corações o seguinte: nós merecíamos a vitória, disso temos certeza. São acontecimentos do futebol a que não podemos furtar e se a sorte fosse mais branda para conosco, hoje estaríamos com as honras de mais uma significativa vitória. De qualquer maneira, espírito santenses, orgulhem-nos de nossos craques enviando-lhes toda alegria e saudações".*

Os comentários supracitados são de uma partida do extinto Campeonato Brasileiro de Seleções, realizado entre os anos de 1923 e 1963. Nesses quarenta anos, a seleção capixaba não venceu nenhuma edição. Paulistas e cariocas levaram a grande maioria dos troféus para casa. A representação capixaba era formada, quase sempre, pelos times da capital: Rio Branco, Santo Antônio, Vitória e Caxias.

Além do Brasileiro de Seleções, outras competições tiveram cobertura de Rádio, como o Campeonato Capixaba. Não importava onde fosse o jogo, no estádio Governador Bley ou no Ibes, onde o Santo Antônio jogava, a Voz de Canaã estava lá. Nem a ausência das cabines de imprensa, surgidas apenas nos anos 60, minava o afincado dos dois, que transmitiam sob sol ou chuva.

Mas a parceria se desfez por um tempo. No ano em que o Brasil perdeu a Copa para o Uruguai, 1950, em plena inauguração do Maracanã, Duarte Jr. não estava mais na PRI-9. Ele trabalhou nesse período na Rádio Continental, do Rio de Janeiro. Lá, Duarte Jr. destacou-se nas transmissões de jogos do campeonato daquele Estado. Em 1952 já estava de volta, desta vez para ser superintendente da Rádio Espírito Santo. A parceria com Darly já não aconteceu com o sucesso de antes. Duarte Jr. estava muito ocupado dirigindo a Rádio e por isso não tinha muito tempo para transmitir as competições.

Mesmo assim, "O Maracanã dos Locutores" (apelido que Duarte Jr. havia adquirido, mas ao qual ele mesmo não dava muita importância) ainda tinha muito o que contribuir com a história do rádio esportivo.

Ele inovou quando transmitiu alguns jogos da Copa de 58 (da Suécia). Quem ouvia a narração, não imaginava que ele, nos estúdios da Rádio Espírito Santo, simplesmente dublava o locutor de uma outra rádio que estava efetivamente em solo sueco. Após transmitir os jogos, ele ficava de quarentena em casa por alguns dias, aí voltava a sair pelas ruas normalmente. Isso tudo para dar a impressão para os seus ouvintes amigos de que ele tinha estado nos lugares onde haviam ocorrido os jogos. Essa técnica também foi amplamente utilizada por Darly Santos. Mas, apesar das dublagens, existiam nessa época algumas transmissões interestaduais ao vivo reais. O jogo Brasil 1x2 Argentina, pela Copa Roca de 1957, transmitido por Duarte Jr. direto do Maracanã, foi um deles.

A década dos anos dourados estava no fim. E no início dos anos sessenta Duarte Jr. deixava definitivamente a Voz de Canaã. Ele vai trabalhar nos Diários Associados na Cidade Maravilhosa, e volta pouco tempo depois para o Estado, para ajudar a fundar a TV Vitória. Sem o amigo, Mickey seguia firme na PRI-9, na transmissão de jogos e no comando do *Focalizando os Desportos*, que tinha duas edições diárias. Uma ao meio-dia e outra após a

Ave-Maria, de Solon Borges. Os ouvintes fanáticos por esporte passavam o dia a esperar o soar do trompete de Harry James que anunciava o início daquele programa. Ele trazia as últimas dos esportes e tinha um bloco, denominado *Binóculos*, que era uma espécie de coluna, feita por Darly Santos.

Duarte Jr. deixara a Rádio, mas surgiam outros nomes. Enéias, Eleisson de Almeida, Gilson Felix e Cezar Rizzo. Este último nos conta que Felix chegou a trabalhar com a consagrada dupla, como repórter de campo, função que desempenhou com louvor. O locutor esportivo Enéias, também conhecido como Diabo Louro, segundo Délio Grijó, marcou época: conquistou o direito de usar bermudas durante as transmissões nos campos de futebol.

Cezar Rizzo entrou na Espírito Santo em 1961. Ele foi o primeiro locutor a narrar um jogo de futebol de salão no Estado. Alguns fatos pitorescos marcaram a passagem desse outro grande locutor capixaba. Certa vez, junto de seus parceiros da equipe técnica, Xavier e Sebastião Coutinho, produziram luz. Isso foi na inauguração do Estádio Sulamérica, numa localidade entre as cidades de Ibirapu e João Neiva. Durante o jogo a energia elétrica acabou, deixando o campo às escuras. Sem perder a categoria, conseguiram um gerador e continuaram a transmissão. Isso foi uma inovação para a época.

Outra novidade implantada por Rizzo foi o repórter setorista. Esse tipo de repórter cobria os clubes da capital, cada um era responsável pela cobertura de apenas uma equipe. Felix foi o melhor deles. Outros repórteres como Moacir Guizam, Pedro Luiz, Luiz Carlos Peixoto e Paulo Pimenta também se destacaram.

O remo também era forte nas transmissões da Rádio. Duarte Jr. e Mickey transmitiam essa modalidade em dupla, um acompanhava a largada e o outro fazia a chegada. Rizzo preferia narrar sozinho. Um grande destaque do remo capixaba daqueles anos foi Wilson de Freitas, que foi até medalhista olímpico. As olimpíadas, aliás, não foram destaque nas transmissões radiofônicas. Era

mesmo o futebol que reinava.

No ano do bi-campeonato mundial do Santos de Pele, em 1963, Cezar Rizzo foi ao maior estádio do mundo contar a façanha do escrete santista. E um fato inusitado marcou a viagem da equipe até o Rio de Janeiro. Eles estavam indo de Kombi e deram carona para ninguém menos que Alternar Dutra, que iniciava a sua carreira, com suas trovas e serestas, na noite carioca.

Vários craques da locução esportiva passaram pela PRI-9 entre 1940 e 1964. Muitas histórias para contar, que certamente fazem rir e chorar. Uma época que não volta mais.

Infelizmente, a Rádio Espírito Santo não possui um arquivo dos programas produzidos, devido à necessidade da reutilização diária de suas fitas. Os jogos e os programas feitos pela dupla mais gloriosa da Rádio Espírito Santo e pelos outros artistas do microfone que por lá passaram se perderam no tempo. Mas certamente os seus ensinamentos ficarão na memória de todos os seus companheiros e ouvintes.

HOJE
A partir das 15.30 hs.
MICKEY
e
Duarte Junior
transmitirão na
faixa da PRI-9
todos os deta-
lhes da peleja



Espirito Santo
X
Santa Catarina
Patrocinio exclusivo :
DO
Dragão dos Moveis
E
Casa Mme. Prado

Anúncio publicado no Jornal Folha do Povo
na década de 40

Histórias que a Rádio não contou

Geraldo Ramos - Marialina Antolini - Rosana Figueiredo

As histórias de vida são feitas de datas e fatos. Todos temos uma data de nascimento, de formatura, do primeiro namoro, do casamento... E há diplomas, certidões, documentos, textos para comprovarem nossa passagem pelo mundo. As instituições também têm sua data de fundação, data de reforma, de ampliação. E possuem os documentos que comprovam suas realizações, seus feitos.

Entretanto, os fatos que marcam nossas vidas, os fatos do dia-a-dia, as situações inusitadas, engraçadas, embaraçosas, estes não estão registrados nos documentos. Essas situações estão guardadas em nossa memória.

E são esses fatos que buscamos recuperar neste capítulo. Pequenas histórias que nos mostram como era a vida da Rádio Club do Espírito Santo, dos seus cantores, locutores, ouvintes. De todos que faziam aquelas palavras no microfone se transformarem no fenômeno de público e audiência que foi o rádio até a década de 60.

No tempo do namoro na Costa Pereira

Vários foram os depoimentos dos que ouviam a Rádio Club do Espírito Santo desde pequenos. Pensar em crianças gostando de programas radiofônicos hoje chega a ser até uma heresia. Não era o que acontecia com a Rádio quando surgiu, no final da década de 30, ainda como projeto experimental.

As pessoas se apaixonaram pela Rádio. Linguagem, programas, radionovelas, era um estilo que passava a ser íntimo do público. Para se ter uma idéia, isso era no tempo em que para namorar em Vitória era preciso ir

parar na Praça Costa Pereira e ficar caminhando, os homens num sentido e as mulheres em outro, buscando a correspondência no olhar da paquera.

Délio Grijó de Azevedo era uma das crianças. Ouve a rádio desde 1938. Jovem nos anos 50 e rapaz nos anos 60, conheceu bem os programas e o auditório que freqüentou da Rádio. É ouvinte até os dias de hoje. Com severas críticas, mas ouvinte. Daquele tempo, ele lembra de algumas histórias interessantes, como a potência da Rádio, que era de 1kW, e alcançava os municípios de Cariacica, Viana e Serra, além de Vitória. A potência era pouca e a irradiação muito limitada. Ainda assim, havia uma programação diversificada que variava entre programas jornalísticos, radionovelas, programas de entretenimento, infantis, além da programação musical.

Grijó se recorda de momentos grandiosos da Rádio, quando conseguia concorrer com emissoras de expressão nacional em função da qualidade da programação local. Entre os programas que marcaram a história da Voz de Canaã e a vida dos ouvintes mais tradicionais está *Felicidades para Você*, criado e apresentado por Bertino Borges. Este programa foi um dos pioneiros no atendimento de pedidos de músicas em dedicação a outras pessoas. E não eram só músicas. Abraços, lembranças e recados diversos chegavam aos estúdios através de telefonemas (constantemente congestionados) e por cartas e bilhetes na sede da PRI - 9.

Os programas de auditório eram uma atração à parte no município. Tinham excelente audiência dentro e fora da Rádio. As pessoas tinham poucas opções de lazer e a Rádio Club do Espírito Santo era uma alternativa. Délio Grijó conta que não havia divisão rígida do trabalho na produção de radionovelas, por exemplo. Ele se lembra de que havia um sonoplasta que ora era o produtor da novela, ora outro personagem. Todo mundo fazia um pouco de tudo. Lembra-se bem dos cantores e cantoras do rádio, e destaca a participação de Maria Cibeli, Darly Santos e Nestor Silva, o "cantor sorriso",

personagens que marcaram a história não só da Rádio, mas dos ouvintes.

Já que falamos de paixão, não podíamos deixar de fora o programa de Jairo Maia. A lembrança do nosso entrevistado surgiu um fato que pontuou o sucesso do programa já na década de 60, quando Maia lançou um quadro intitulado *Qual é a música*. O sucesso do programa chegou a causar instabilidade e transtornos ao sistema telefônico da época por congestionamento em função do horário, que coincidia com o sorteio do jogo do bicho. A então Telest entrou em acordo com o radialista para que o programa passasse para o horário da manhã, o que foi aceito, e permanece até os dias de hoje, mas em outra emissora (Azevedo, 2001).

Os comerciais também ajudaram a construir a história desse veículo. Grijó se lembra dos comerciais das empresas Lever, Eucalol, Brahma, e dos programas jornalísticos que levavam o nome do patrocinador, a exemplo do *Repórter Esso*, ou o *Repórter Riachuelo*, na PRI - 9.

Novidades de 49

Entre alguns manuscritos de Arlette Cypreste, famosa autora de radionovelas da Rádio Club do Espírito Santo, um chama atenção porque narra algumas novidades que se apresentariam para a Rádio no ano de 1949. "Entre as mais recentes novidades de 1949, na Rádio Club do Espírito Santo, podemos citar: Instalação de luz fluorescente para as suas dependências com bonito anúncio luminoso na parte exterior do prédio, os famosos gritos de Carnaval, irradiações de partidas de football, pelos locutores Mickey (Darly Santos) e Duarte Jr., e o *Repórter Riachuelo*, noticiário perfeito, apresentado em diversos horários, sob o patrocínio das lojas Riachuelo, com notícias do Brasil e do Mundo. Necessário se torna que o nosso comércio, em geral, apoie sem restrições, a Rádio Club do Espírito Santo, contribuindo, assim, grande para o desenvolvimento da radiofonia espiritosantense".

Regatas aos domingos

Antigamente, a cidade parava aos domingos para assistir às regatas. Saldanha da Gama, Clube Náutico, Alvares Cabral. Era um sucesso. Ia aquela multidão para a beira-mar assistir às competições. A Rádio Club do Espírito Santo transmitia ao vivo as disputas.

Certa vez, nos conta Gerson Camata, Eleisson de Almeida e Gilson Félix transmitiam a regata. Gilson narrava a competição: "Lá vai o Saldanha, ganhando terreno, vai conquistando terreno..." Quando o Eleisson de Almeida interrompeu a narrativa para uma observação: "Oh Gilson, eles não estão conquistando terreno, não. É água, Gilson. É água que eles estão conquistando".

Num outro domingo estava tudo pronto para dar a largada. Os barcos alinhados para a partida e Gilson Félix fazendo a transmissão: "Atenção. Os barcos alinhados. Vamos assistir o tiro de partida". E nesse momento um barco a motor atravessou na frente da raia. E o Gilson continuou transmitindo: "Olha a irresponsabilidade total. Aonde está a Capitania dos Portos? Um barco motorizado está atravessando a cabeça da raia". E o Eleisson de Almeida interrompeu mais uma vez a transmissão: "Oh Gilson. Não é um irresponsável, não. Sou eu. É a reportagem da Rádio que está passando aqui".

Palavrões no ar

Anselmo Gonçalves fazia um programa sobre agricultura que ia ao ar por volta das sete horas da noite, relembra Gerson Camata. Neste horário muitas pessoas do interior estavam ouvindo a Rádio Club do Espírito Santo. Este programa era produzido pelo Ministério da Agricultura. Um certo dia, Anselmo estava ensinando como podar uvas, pois na Região Serrana do Estado havia muitas lavouras da fruta.

O interruptor de luz ficava do lado de fora do estúdio. Alguém passando

pelo corredor esbarrou nele e a lâmpada apagou. Anselmo pensou que tivesse faltado energia elétrica e que a Rádio estava fora do ar. Então, ele terminou a frase que estava falando: "Vai todo mundo podar a uva na puta que pariu". Daí em diante o telefone não parou de tocar e o locutor teve que se desculpar no ar com o público.

Porém, Anselmo Gonçalves não foi o único a falar um palavrão ao vivo. Naquela época havia uma disputa de futebol entre os Estados. Seleção Capixaba contra Seleção Bahiana, Seleção Carioca contra Seleção Paulista... E jogavam em Vitória a Seleção Capixaba contra a Seleção do Rio de Janeiro. Estava um a zero para os cariocas, último minuto de jogo e pênalti a favor do Espírito Santo. A disputa estava sendo transmitida ao vivo pela PRI - 9. Se a seleção empatasse, haveria um jogo de volta no Maracanã. Se perdesse, o campeonato acabava ali para os capixabas.

E foi o locutor narrar o pênalti: "Atenção. O jogador caminha, vai bater... Puuuuuta que pariu..." O Espírito Santo perdeu o jogo e ele, a cabeça. Esqueceu que estava falando ao vivo para todo o Estado.

O índio Ubiratã e o Rio Branco

Certa vez apareceu um índio gaúcho na Rádio Club do Espírito Santo, o índio Ubiratã. Ele era um índio que gostava de futebol. E gostava do Rio Branco. Então, todas as vezes que tinha jogo do Rio Branco o índio Ubiratã fazia uma fumacinha atrás da Rádio. E o Rio Branco foi ganhando. Quando o jogo estava empatado, ele ia lá atrás, fazia a fumacinha, e o Rio Branco marcava um gol. E assim foi durante todo o campeonato, com o Rio Branco se consagrando campeão capixaba naquele ano.

Depois veio o carnaval. Maria Cibeli, grande cantora da Voz de Canaã, fez uma marchinha inspirada no índio Ubiratã. Foi sucesso absoluto. Tocava sempre na rádio e dizia assim: "Cupirere, cupirere. O índio Ubiratã tem

qualquer coisa pra dizer. Não volto mais pro mato. Pro mato eu não vou mais. Aqui tem muito trouxa pra eu passar pra trás", diverte-se Camata.

Pequenina Vera Lúcia

O programa *Divertimentos 1-9* era muito famoso. A platéia concorria a prêmios como geladeiras, fogões e máquinas de costura, o que garantia auditório lotado todas as tardes de sábado. Este programa era feito por Duarte Júnior, com participação de Solon Borges.

Em uma dessas gloriosas tardes, conforme publicado em A Tribuna, em edição de meados do século passado, Borges anunciou para a imensa platéia: "Temos o prazer de apresentar agora uma grande artista do rádio brasileiro". Com um sorriso nos lábios, ele deixou a platéia curiosa. Uma menininha de apenas sete anos entrou no palco do programa. "Vera Lúcia, esta grande artista do rádio brasileiro", continuou o locutor. A desaprovação foi geral no auditório. E Vera Lúcia começou sua apresentação, sob os olhares desconfiados do público, com a valsinha "Mãezinha Querida". Com meiguice

e graciosidade, a artista mirim encantou a todos. Cantou e, atendendo à pedidos, dançou a rumba "El Cubanchero". No fim, Vera Lúcia arrancou demorados aplausos da platéia do *Divertimentos 1-9*.

A Cadeia da Constitucionalidade e o comunistazinho

As armações políticas ferviam no Brasil de 1961, registra Gerson Camata. Jânio Quadros, o presidente da vassourinha, renunciou pensando que seria aclamado pelo povo pedindo sua volta. João Goulart, o vice, estava na China. Os militares assumiram o poder e não deixaram Jango entrar no Brasil. Criaram-se então duas frentes: a Cadeia da Legalidade e a Cadeia da Constitucionalidade. A primeira apoiava Jango. Dizia que ele, como vice-

presidente eleito pelo voto, tinha que assumir. A segunda apoiava os militares. Jango era um comunista e não podia governar o Brasil.

Nesta época, Licério Duarte Júnior era o diretor da Rádio Club do Espírito Santo. Camata fazia o programa *Na Polícia e Nas Ruas*, e estava terminando de fechar a edição do dia quando Duarte Júnior entrou na Rádio e decidiu se posicionar: "Vamos entrar na Cadeia da Legalidade. Ele tem que assumir. É o vice. Foi eleito. Não tem esse negócio de gorila querer mandar nesse país não. Coloca o pau no gato".

Pau no gato era a vinheta que anunciava alguma notícia e gorila era como eram chamados os militares. E Duarte continuou: "Camata, fala aí: Posse a Jango. Fora os golpistas. Fora os Gorilas". Camata falou. Mas Duarte não ficou satisfeito. "Volta lá e fala de novo. Com mais entusiasmo". E' entrou no ar novamente e repetiu: "Fora os golpistas. Fora os gorilas. Queremos Jango no poder". Quando saiu do estúdio os telefones da Rádio estavam tocando. "Está vendo? O povo já está conosco", acreditava Duarte. E atendeu o telefone. Era o comandante do Exército no Estado. Duarte então justificou:

- Alô. Sim. Pois não, Coronel. E um comunistazinho que tem aqui. Mas já está demitido. Jango não vai assumir não. Vai assumir na China, esse comunista vagabundo. Quanto ao menino locutor; não se preocupe, já está na rua. Pode deixar que eu tomo conta disso.

Ele desligou o telefone, virou-se e disse a Camata: "Some um mês, heim?! Um mês"! Passado este tempo, Camata voltou e o comandante do exército nunca soube que tinha sido ele o locutor daquelas frases.

China Nacionalista x China Comunista

O momento era a o da Guerra Fria. Darly Santos escrevia e Licério Duarte Júnior narrava o noticiário da Rádio Club do Espírito Santo. Apesar de muito amigos, Darly Santos era comunista e Duarte Júnior, direitista,

anota Camata.

O fato: A China Comunista afundou, no Estreito de Formosa, uma traineira de pesca da China Nacionalista.

O fato traduzido em notícias escritas por Darly Santos e lidas por Duarte Júnior: "E atenção. Taipé. Formosa. A China Comunista acaba de afundar uma traineira de pesca da China Nacionalista. Naves de guerra da China Nacionalista estão se aproximando do local havendo risco de choque entre as duas marinhas". Aí entrava um comercial que remetia à última notícia: "Eis a última notícia. Washington, Estados Unidos. O Presidente Dwight D. Eisenhower determinou à sétima frota americana que encoste ao longo do estreito de Formosa para a proteção das naves de pesca e militares da China Nacionalista". No entanto, Darly Santos, como bom comunista, não poderia acabar o noticiário falando sobre os EUA. Então, ele colocou mais uma informação: "E atenção. Moscou, União Soviética. O general Marinovisk acaba de declarar que pulverizará a frota norte-americana se ela intervir no conflito entre as duas Chinas". Mas Duarte também não podia terminar com uma notícia sobre a União Soviética. E por conta própria ele emendou: "E novamente atenção. Washington, Estados Unidos. O presidente norte-americano, general Eisenhower, acaba de dizer que pulverizará todos os comunistas da face da Terra. Inclusive os que moram em Vitória". E assim terminou o noticiário do dia.

Os presentes

A Rádio Club do Espírito Santo, nas décadas de 40, 50 e 60, prestava vários serviços de utilidade pública. E havia vários cantores e locutores famosos. As pessoas, para agradecer ou presentear seus ídolos, costumavam mandar cartas e presentes. Divertiram-se contando histórias de agrados Gérson Camata, Valberto Nobre e Delton Souza.

Creusa Gramacho era locutora e diretora da discoteca da PRI - 9 e tinha uma fã fiel. Erlita ia quase todos os dias à sede da "Voz de Canaã" levar lanche para a locutora. O lanche era sempre o mesmo: galinha frita. As duas ficaram amigas e Creusa Gramacho se tornou madrinha da filha de Erlita.

O problema era quando os bichos chegavam vivos. A população muito humilde, para agradecer, levava galinha, porco e até animais maiores para a Rádio. Uma vez, o pessoal da PRI - 9 resolveu um problema para um senhor de Santa Maria de Jetibá. Era um alemão, e ele disse: "Eu vai trazer uma leitoa pra vocês comer". Num outro dia, o alemão voltou com uma leitoa viva, fazendo muito barulho e sujando a rádio inteira. Tiveram que colocar a porca em um carro e levar para um açougue para ser abatida.

Mas a leitoa não foi o pior. Em outra ocasião, o locutor Anselmo Gonçalves ganhou um jacaré. Vivo. O animal estava com a boca amarrada e prenderam-no dentro de uma salinha que havia nas dependências da Rádio. O problema é que a corda soltou e ninguém queria se arriscar para pegar a fera.

Mas não era só de bichos que viviam os famosos da Rádio. Cartas de amor chegavam todos os dias para os cantores e locutores. Tanto os homens quanto as mulheres recebiam declarações apaixonadas dos fãs. Namoradas não faltavam para aqueles que não queriam ficar sozinhos. Contudo, os homens da Rádio não podiam chegar muito perto das "moças de família", pois não eram bem vistos pelos pais delas. Já para as mulheres do rádio era mais difícil. Elas eram consideradas "mulheres de vida fácil" e sofriam com o preconceito da sociedade.

Prostitutas e doações

A Rádio Club do Espírito Santo fazia muitas campanhas de arrecadação de dinheiro. Geralmente eram pessoas com problemas de saúde que iam até a Rádio para tentar ajuda. Então, se fazia uma grande campanha contando a

história da pessoa e o problema que ela estava enfrentando. Quem podia ajudar ia até a Voz de Canaã e deixava o dinheiro dentro de um envelope. Os locutores agradeciam pelo nome a quem havia se identificado. E existiam doadores cativos. Entre esses doadores estavam as prostitutas, contam Camata e Delton Souza.

No Centro de Vitória estavam concentradas as regiões de prostíbulos, principalmente próximo à Vila Rubim. As "Damas da Noite" se distribuíam por casas. Havia a Casa Verde, a Casa Branca, a Casa Rosa... Elas deixavam envelopes de dinheiro com a identificação "meninas da Casa Verde". E os locutores da Voz de Canaã agradeciam nas ondas do rádio a todas elas, sem que isso representasse censura na sociedade conservadora das décadas de 40, 50 e 60.

Certa vez chegou à Rádio um rapaz de Baixo Guandu pedindo ajuda. Ele tinha perdido os dois braços em um acidente de trem. Naquela época não se ouvia falar em prótese no Espírito Santo. Era um recurso muito caro e de difícil acesso.

A Rádio fez uma campanha, chamando as pessoas para ajudar. O rapaz conseguiu dinheiro suficiente não só para ir a São Paulo colocar as próteses, como também para comprar uma casa e se casar. Essa era uma característica freqüente das campanhas desenvolvidas pela PRI - 9. Arrecadava-se muito mais dinheiro do que era realmente necessário.

E como na época a comunicação era muito difícil, a Rádio Club do Espírito Santo fazia um outro tipo de serviço. O correio era muito demorado. Um telegrama levava três ou quatro dias para chegar. Um telefonema, para a grande maioria da população, só podia ser feito nos postos telefônicos. Para se conseguir uma ligação interurbana levava alguns dias. Então, as pessoas iam para a Rádio e mandavam recados para familiares no interior. Recados do tipo: "Atenção Fulano, da fazenda tal, seu tio pediu para avisar que ele será

operado amanhã, às 16h, no Hospital tal". Esses recados eram passados em um programa que ia ao ar logo cedo. As pessoas já sabiam e ouviam, esperando alguma mensagem.

Dezoito horas e trinta cruzeiros

Na Rádio Club do Espírito Santo havia alguns programas que atendiam pedidos dos ouvintes, lembra Delton Souza. Os mais conhecidos eram *Hora do Ângelus* e *Felicidades para Você*. A maioria das cartas recebidas era de pedidos de parabéns e vinham acompanhados do nome da música escolhida, que geralmente era de um cantor famoso. A música escolhida pela maioria dos ouvintes era a que estava em evidência, o número de aniversariantes era muito grande e normalmente o locutor gastava mais tempo lendo a lista dos aniversariantes do que o tempo de execução da música escolhida.

Diariamente, às dezoito horas a cidade inteira parava e as pessoas ouviam a Ave-Maria e se benziavam. Era a *Hora do Ângelus*, programa de Jair Andrade e Solon Borges. Durante o programa, pontualmente às dezoito horas, era executada a oração e em seguida pedidos e recados eram lidos pelos locutores.

Naquela época a comunicação entre os ouvintes e a Rádio era feita principalmente através de cartas. Era comum enviar à Rádio um envelope que continha certa quantia de dinheiro e um pedido. Pedia-se desde recados para parentes do interior do Estado a bênçãos para enfermos e homenagens aos aniversariantes.

O dinheiro recebido era contado durante o programa e certa vez o locutor Jair de Andrade se distraiu contando o dinheiro e ao informar a hora disse: "são dezoito horas e trinta cruzeiros".

Ousadia de repórter

A mais importante reportagem feita pelo radiorepórter Eleisson de

Almeida, conforme considera o próprio, foi sobre a visita do presidente Jânio Quadros ao Espírito Santo. O presidente veio a Vitória inaugurar uma série de melhorias na Companhia Vale do Rio Doce. A segurança em torno do presidente era muito grande e os repórteres não conseguiam se aproximar da comitiva.

A solução encontrada por Eleisson de Almeida foi subir numa pedra que ficava no caminho que a comitiva iria passar. Como calculou exatamente seus movimentos, o repórter pulou no momento que a comitiva passava e caiu bem em frente ao presidente. A ousadia de repórter lhe rendeu uma entrevista exclusiva. Depois de se refazer do susto Jânio prosseguiu com a comitiva enquanto dava a entrevista, sob os olhares desconfiados dos agentes de segurança.

Profilaxia e Esculacho

Os programas de calouros faziam muito sucesso na Rádio Club do Espírito Santo. Muita gente ia até a Rádio para demonstrar seu talento como cantor, locutor, dançarino... O que não faltava eram pessoas querendo seu minuto de fama. Certa vez, relembra Eleisson de Almeida, Duarte Júnior entregou um texto do programa *Voz da Profecia* para um calouro ler. O rapaz estava muito nervoso, e tremia tanto que mal conseguia segurar o papel. Mas ele não desistiu e começou: "Vai ao ar mais um programa Voz da PROFILAXIA". Nem deu tempo de ele perceber o erro, pois o anão soou o gongo com tanta força que muita gente levou um susto com o barulho.

Aloir Júnior, o famoso anão, era quem tocava o gongo e destruía o sonho dos candidatos a cantores do rádio. Quando não estava trabalhando nos programas de calouros, Aloir Júnior era um funcionário de apoio com quem os locutores podiam contar. Levava recados da redação até o palco e providenciava algo que faltasse para os programas de auditório.

No dia 5 de agosto de 1955, o programa *Variedades 1-9* estava sendo apresentado por Eleisson de Almeida quando Aloir Júnior se aproximou do palco dizendo que Carmem Miranda tinha acabado de morrer.

Surpreso, Eleisson de Almeida perguntou o motivo da morte da cantora e o anão respondeu: "foi de esculacho". Sem entender o real motivo da morte, o locutor recorreu à equipe de jornalismo que esclareceu a história. Carmem Miranda faleceu devido a um colapso e não de esculacho. Aloir Júnior não havia entendido a mensagem e deu o recado errado.

Se tivesse acreditado na versão do anão, o locutor teria cometido um grande engano dizendo que "acabou de morrer a artista Carmem Miranda, de esculacho". Por pouco a notícia não se tornou motivo de piada.

Caboclo Bastião

Durante os anos em que trabalhou na Rádio, Sebastião Rabelo, o caboclo Bastião, apresentou o programa caipira mais famoso da época em todo Espírito Santo, recorda Eleisson de Almeida.

Em seu programa, caboclo Bastião falava como um caipira e certamente fazia sucesso por isso. Os ouvintes se identificavam com a linguagem usada. Num mundo em que o locutor fala e o ouvinte constrói a história narrada, a imaginação é ingrediente fundamental para a concretização do relacionamento entre o locutor e seus ouvintes.

Quando terminava o programa, caboclo Bastião se despedia dos ouvintes que ouviam o relinchar de um cavalo e em seguida o tropel do animal. Tudo isso era feito com o auxílio do contra-regra e graças aos recursos da sonoplastia.

Os ouvintes acreditavam que caboclo Bastião, ao fim do programa, se despedia, montava seu cavalo e ia embora cavalgando. Tanto que certo dia foi até a Rádio um ouvinte querendo comprar o cavalo.

Surpreso com a proposta, Sebastião Rabelo perguntou ao ouvinte o motivo que o fazia querer comprar o animal, e sem perder tempo o ouvinte respondeu: "o tropel dele é muito bonito". Depois de ouvir a explicação do locutor de que o cavalo não existia, o ouvinte foi para casa desapontado e, ao mesmo tempo, fascinado com a descoberta.

Nossas fontes

Entrevistados

Adam Emü Czartoryski atuou nos anos 50 e 60 no radiojornalismo da Rádio Espírito Santo e no DEIP, Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, precursor da Superintendência de Comunicação. Nos anos 70 foi Diretor da Rádio Espírito Santo e Diretor Presidente da Fundação Cultural do Espírito Santo, à qual estava vinculada a Rádio, dentre outros. Entrevistado por Suen de Andrade e Roger Santana, em 09 de junho de 2004.

Arlette Cypreste foi a "Janete Clair" da "Voz de Canaã", autora de várias radionovelas, como "A Vida de Anita Garibaldi" e "Santa Rita de Cássia". Além disso, D. Arlette comandou, com sucesso, o primeiro programa radiofônico endereçado às mulheres: "Perfume e Mulher". Graduada em Educação Física, é jornalista e escritora. Entrevistada por Helena Santos, Júlia Fregona e Marcelle Altoé, em 17 de junho de 2004.

Cezar Rizzo foi locutor esportivo da Rádio Espírito Santo. Entrevistado, por telefone, por Camilo Hemerly, em 05 de julho de 2004.

Cícero Dantas Filho trabalha na Rádio há mais de trinta anos. Seu pai foi um dos primeiros técnicos da Rádio Club do Espírito Santo. Entrevista realizada em 16 de junho de 2004 por Marialina Antolini e Rosana Figueiredo.

Délio Grijó de Azevedo é ouvinte da Rádio Espírito Santo desde 1938. Tem 74 anos, mora em Vila Velha, mas nasceu, cresceu e viveu em Vitória. É autor do livro "A ilha de Vitória que conheci e com que convivi", no qual conta histórias da ilha desde os anos 30. Participa ativamente de programas radiofônicos, jornais impressos e outros espaços locais. Entrevista realizada

em 19 de junho de 2004, por Hellen Kaniski e Geraldo Ramos. Para o capítulo três, entrevistado por Franciani Bernardes e Camila Torres em 01 de julho de 2004.

Delton Souza começou a trabalhar na Rádio em 1958, com 13 anos. No início ele exercia a função de *office boy* e depois passou por vários cargos dentro da Voz de Canaã, saindo da Rádio em 1970. Entrevista realizada no dia 17 de junho de 2004, por Marialina Antolini e Rosana Figueiredo.

Djalma Juarez Magalhães trabalhou no radiojornalismo da Rádio Espírito Santo, tendo sido nos anos 60 seu diretor-superintendente. Entrevistado em 25 de junho de 2004, por Tiago Zanoli.

Eleisson de Almeida começou na Rádio em 1957. Trabalhou como radiorepórter, diretor de jornalismo, locutor esportivo e apresentador de programas de auditório, entre eles "Parabéns para Você", um dos maiores sucessos da emissora em fins da década de 50 e ao longo dos anos 60. Entrevistado por Felipe Rébulo Procópio, Amanda Negreiros e Rosana Figueiredo, em 23 de junho de 2004.

Elcio Alvares foi sonoplasta e integrante do Departamento de Radiojornalismo. Popularizado pelo rádio, mais tarde seguiu a carreira política. Exercendo a função de sonoplasta e posteriormente de jornalista. Entrevistado em 21 de junho de 2004, por Marcelle Altoé.

Gerson Camata, 73 anos, foi ator, repórter e apresentador. Trabalhou na rádio no início da década de 60, tendo conquistado o público através de seus programas que tratavam de assuntos policiais e esportivos, notadamente o *Na Polícia e Nas Ruas*. Ele chegou a ser diretor superintendente da Rádio. Entrevista realizada no dia 28 de junho de 2004, por Júlia Fregona, Marcelle

Altoé e Marialina Antolini.

Jair de Andrade Gonzaga foi apresentador, noticiante e repórter. Trabalhou na rádio de 1952 a 1980. Hoje, aos 69 anos, é comentarista de esportes na Rádio Espírito Santo. Entrevistado por Lígia Maria Fiorio, por carta, em 22 de junho de 2004.

Licério Duarte Júnior, 79 anos, foi Diretor Superintendente da Rádio Espírito Santo no final dos anos 50 e no decorrer dos anos 60. Trabalhou na emissora entre 1945 e 1960. Comandou também vários programas nas ondas da PRI - 9, como o consagrado "*Sinfonia do Gongo*", levado ao ar nas noites de domingo, com o auditório lotado. Entrevistado por Lígia Maria Fiorio, Franciani Bernardes, Camila Torres e Amanda Negreiros, em 24 de junho de 2004. Para o capítulo sete, escrito a partir de seus relatos, foi entrevistado por Camilo Hemerly, em 01 de julho de 2004.

Luzia Vale de Andrade tem 67 anos e é ouvinte da Rádio desde 1957. Participou de vários programas da emissora como "Paraíso Infantil", comandado por Bertino Borges, e "*Sinfonia do Gongo*", conduzido por Duarte Júnior e Bóris Castro. Entrevistada por Almir Alves, em 05 de Julho de 2004.

Marien Calixte, 68 anos, trabalhou na rádio entre 1955 e 1963, tendo atuado como ator, repórter e apresentador. Diretor Presidente da Fundação Cultural do Espírito Santo, criada nos anos de 1970, e composta pela Rádio Espírito Santo, Biblioteca Pública Estadual, Teatro Carlos Gomes, Museu do Colono e, posteriormente, a TVE. Entrevistado por Ana Paula Fassarella, Amanda Negreiros, Jorge Stein e Marcelle Altoé, em 24 de junho de 2004.

Mário Ramos foi calouro no programa *Sinfonia do Gongo* e mais tarde participou como cantor no programa *Astros e Estrelas*. Entrevistado por

Flávia Monteiro, Roberta Nunes e Samantha Lievore, em 27 de junho de 2004.

Maurício Oliveira, um dos mais renomados músicos capixabas, trabalhou na Rádio por mais de trinta anos. Atuou ativamente nos programas de auditório. Integrou o Regional da emissora que acompanhava cantores da terra, como Maria Cibeli, Didi Chagas e Yeda Oliveira; e artistas nacionais em visita ao Estado, como Angela Maria, Emilinha Borba, Marlene, Orlando Silva, Linda e Dircinha Batista, dentre outros. Maurício de Oliveira também atuou como diretor musical. Entrevista feita por Flávia Monteiro, Roberta Nunes e Samantha Lievore, em 19 de junho de 2004.

Valberto Nobre começou a ouvir a Rádio Club do Espírito Santo muito cedo, aos oito anos. Era um ouvinte tão assíduo que começou a trabalhar na Rádio, com 16 anos. Trabalhou durante 30 anos e se aposentou na década de 90. Entrevista realizada no dia 22 de junho de 2004, por Marialina Antolini.

Yeda Oliveira, uma das "cantoras do rádio", participou como caloura de programas de auditório da Rádio Espírito Santo, como *Paraíso Infantil* e *Sinfonia do Gongô*. Carinhosamente chamada de "A Estrelinha do Samba", Yeda Oliveira foi, mais tarde, convidada para trabalhar na área administrativa da emissora. Entrevistada por Roberta Nunes, em 29 de junho de 2004.

Referências

Capítulo 1

BITENCOURT, Aymée S., ARCANJO, Marinete do Carmo. *Programa Jairo Maia: As Razões Para Uma Existência Tão Longa*. 1990. Monografia - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Espírito Santo.

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de Massa sem Massa*. 4. ed. Novas

Buscas em Comunicação, 1986.

FREITAS FILHO, Domingos de. *Os Meios de Comunicação de Massa como Sujeito Político*. 1988. Tese de doutoramento.

HISTORIA do Espírito Santo - *Síntese autorizada para vestibular da Ufes*. Vitória: Indy Jones, 2000.

Jornal A Tribuna. Vitória, 20 set 1974. Jornal

A Gazeta. Vitória, 15 jan 1961.

O RÁDIO no Espírito Santo - Um estudo descritivo. Curso de Comunicação Social, Vitória, 1984. Grupo de pesquisa: Ângela Ottoni, Teatini Salles, Carlos Alberto Antolini, Honório Antônio Rabello d'Ávila, Letícia Maria Alvarenga Tavares, Luciene Campos Rocha, Maria Valdívia Fernandes dos Santos, Mariloize Ambrozi Santos Salles, Veônica Marchonzago, Viviane Silva Pianna, Wagner Luiz Barbosa da Silveira.

PACHECO, Renato. Relatório da Superintendência - 18/09/1950 - 30/01/1951. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Fundo Governadoria, processo n° 350, 1951.

RADIO Espírito Santo - Estudos e Levantamentos, Estruturação Recomendada. Vitória: Serviços de Planejamento S.A. - SPL, 1970.

Revista Vida Capixaba. Vitória, 1939 a 1960.

ZORZAL, Marta. *Estado do Espírito Santo, Interesse e Poder*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995.

Capítulo 4

SILVA, Osmar. *Música Popular Capixaba 1900 - 1980*. Vitória: DEC. 1986. p. 29-43.

CALIXTE, Marien. *Maurício de Oliveira: O pescador de sons*. Vitória: Ed Cidade Alta, 2001.

Revista Capixaba, Vitória, p. 74 -75, maio 1969.

Jornal A Gazeta. Vitória, 11 jan 1950.

Capítulo 5

www.radionacional.com.br

www.historiadoradio.com.br

www.radioclaret.com.br

Capítulo 6

PACHECO, Renato. Relatório da Superintendência - 18/09/1950 - 30/01/1951. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Fundo Governadoria, processo n° 350, 1951.

Capítulo 8

AZEVEDO, Délio Grijó de. *A ilha de Vitória que conheci e com que convivi*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico e Secretaria Municipal de Cultura, 2001.